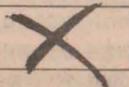




Apesar da chuva, 52 por cento dos produtores participaram da votação

Estrutura do Poder

SIM



Pelo voto, 86 por cento dos associados dizem

NÃO

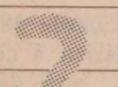
"sim" aos novos estatutos



Em Campo Grande, primeira análise com representantes das três regiões

Desmembramento

SIM



Lideranças entendem que está na hora de levar

NÃO

a proposta até as bases

Depois do plebiscito, novo debate

Página 10, 11 e 14

INVERNO

Mais uma vez a geada termina com o trigo

Na Região Pioneira da Cotrijuí, quebra poderá fazer com que rendimento médio se reduza a 400 quilos

Página 15



O valor comercial da lã rosada

A zona da soja tem tudo para ser uma das mais fortes produtoras de lã do Estado. Basta o criador investir um pouco mais no rebanho.

Página 4 e 5

O GRITO DO CAMPO

Dia 2 de outubro, em Porto Alegre, um encontro pelo fim da recessão

Página 6 a 9

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS
Fone: PABX - (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros, Vilmar Hendges, Lurdes Froemming, Lotário Beckert.

Conselheiros (Eletivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Roverno Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marinho Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Leonides Dallabrida, Aquilino Bavaresco, Abu Souto Bicca.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Paulino Angelo Rosa, Delarmando Portolan, Luiz Neri Beschorner.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradinha	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese

Moisés Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

Nunca como agora as cooperativas brasileiras tentam viabilizar uma maior participação dos produtores na vida das organizações, convencidas de que só assim poderão corrigir rumos e evitar a repetição de erros acumulados nos últimos anos. Esta democratização é perseguida pela Cotrijornal, desde 1979, quando se implantou a nova Estrutura do Poder, que deixa agora de ser uma experiência. O sistema foi aprovado em plebiscito realizado dia 21 de agosto, e que mobilizou nada menos de 7.417 associados. Mas, passado o plebiscito, os produtores terão outro importante tema, certamente bem mais complexo, e por isso polêmico, para debater: a proposta do desmembramento. Em Campo Grande, no dia 30 de agosto, essa alternativa foi discutida pela primeira vez, entre representantes das três regionais, e lá se decidiu que chegou a hora de se levar o assunto às bases. Páginas 10, 11 e 14.

Os brasileiros conseguirão, por mais um bom tempo, conviver com a recessão, que promete se estender por um período imprevisível? Parece que não, mesmo porque a estagnação da economia nacional teria chegado aos seus limites. Esta é a situação que os produtores gaúchos decidiram questionar de vez, através da Fecotrigo, na tentativa de contribuir para que o país encontre suas saídas sem uma inflação de mais de 200 por cento, sem desemprego, sem o aniquilamento da empresa nacional é, principalmente, sem uma população cada vez mais paupérrima. O protesto contra tudo isso, criado a partir especialmente da intromissão do FMI, acontecerá dia 2 de outubro, em Porto Alegre, e está sendo chamado de "O grito do campo". Página 6.

Alã produzida na região e que apresenta como característica a cor rosada - em função da terra vermelha - está deixando de ficar relegada a um segundo plano e sendo encarada como um produto de qualidade, capaz de obter bons preços no mercado e, quem sabe um dia, até competir com o produto da fronteira. É claro que para se chegar a tanto, a qualidade do rebanho da região precisa melhorar. É justamente neste aspecto que o pessoal da Cotrijornal em Jóia vem

trabalhando. A criação de ovelhas precisa deixar de ser encarada apenas como uma atividade produtora de carne para a hora de maior aperto na propriedade, para se tornar mais uma fonte de renda ao lado da agricultura. Já está mais do que comprovado que a região tem suporte para a ovinocultura, mas é preciso que o criador também tenha interesse e decida investir na atividade, seja através da introdução de animais de raça no rebanho, de cuidados sanitários ou de formação de pastagens. Quem ainda pensa que lã com semente não tem valor comercial está muito enganado. O valor da lã produzida na região de lavoura, o trabalho que o pessoal de Jóia vem realizando, estão nas páginas 4 e 5.

Eliminar a dependência dos produtores da região com relação aos milhos híbridos é onde se pretende chegar com os trabalhos de avaliação de populações crioulas. Estes trabalhos vêm sendo avaliados no Centro de Treinamento da Cotrijornal desde 1981. O comportamento e o rendimento destas populações crioulas, os resultados de um trabalho de milho sobre uma área de alfafa de mais de oito anos e ainda um outro experimento envolvendo variedades mexicanas estão na última página.

Os preços mínimos tiveram um percentual de aumento de 261 por cento e nem mesmo assim, serviram para sufocar os ânimos dos produtores descontentes com a nova política agrícola a ser implantada na próxima safra de verão. Na verdade esse percentual só foi tão elevado assim pelo aumento dado ao amendoim, na razão de 435 por cento. A gritaria continua e o produtor ainda não está conformado com o fato de que neste ano terá menos verba de custeio para formar sua lavoura. O dinheiro de custeio é pouco e o desembolso de recursos próprios, para quem dispõe, será grande. Tudo sobre o quanto o produtor vai receber de dinheiro para formar sua lavoura, as diferenças de financiamento, as duas classificações de produtores, válidas apenas para efeito de liberação do crédito e uma projeção dos preços mínimos estão às páginas 8 e 9.

Do leitor

FAISÕES

Sou professor, técnico agrícola e também um apaixonado por faisões. Como existem poucas pessoas preservando esta espécie gostaria de trocar idéias com criadores de faisões. Como fica difícil de conseguir endereços dessas pessoas, a não ser por meio de um veículo forte e atuante, gostaria que os senhores nos informassem caso souberem de algum criador. Desde já fico muito agradecido e ao mesmo tempo, me coloco à disposição para qualquer favor.

Sendo isto para o momento, envio os meus protestos de estimas e considerações.

Joel Wecolovis
Marechal Rondon - Paraná

ASSINATURAS

Sou universitário do curso de agronomia da Universidade Federal de Santa Maria e gostaria de ser assinante do Cotrijornal, pois os assuntos por ele abordados são de grande importância e viriam contribuir para melhorar meus conhecimentos da atividade agropecuária.

Agradeço a atenção dispensada, esperando ser atendido.

Valdir Verner Ast
Santa Maria - RS

Sendo estudante de Cooperativismo, gostaria de receber uma assinatura do

Cotrijornal.

Desde já agradeço a atenção

Carlos Macedo

Viçosa - Minas Gerais

MUDANÇA

Solicito a transferência da assinatura do Cotrijornal para o seguinte endereço: Assoeste, Rua São Paulo, 1425, Cascavel, Paraná. A Assoeste é uma organização de Assistência Educacional aos municípios e cooperativas do Oeste do Paraná.

Atenciosamente

Flávia Clarici Madche

Prefeitura de Matelândia - Paraná

A assinatura do Cotrijornal tem o custo anual de Cr\$ 7.000. Este valor deve ser enviado em cheque nominal para a Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda.

- Cotrijornal - Rua das Chácaras, número 1513 (Caixa Postal 111) Ijuí - RS - CEP 98.700.

HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

Av. David José Martins, 1.376 - IJUÍ - RS -
Ao lado da Rádio Repórter - Fone 332-2690

ESTÁ ABERTO A TODA A COMUNIDADE

- Internações em caráter: PARTICULAR, IPE, UNIMED, INPS e FUNRURAL
- Atendimento médico nas áreas de: CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA, PEDIATRIA, GINECOLOGIA e OBSTETRIÇA.
- Serviço de ENDOSCOPIA e ENDOFOTOGRAFIA DIGESTIVA
- PLANTÃO MÉDICO: Consultas nas 24 horas do dia,

inclusive sábados, domingos e feriados.

Arrendamentos mais caros

Quem pensa em ir para o Mato Grosso do Sul, planejando arrendar terras e, com o tempo, conseguir lavoura própria, deve ter um pouco de cautela. Nunca os arrendatários daquele Estado estiveram tão apreensivos como agora. Além dos altos custos da agricultura, eles enfrentam — principalmente a partir do início desta década — uma repentina inflação nos preços dos arrendamentos. O pagamento é feito em sacas de soja, e pode variar de 3 até mais de 10 sacas por hectare, o que, em muitos casos, torna a lavoura inviável. Uma terra barata pode ter arrendamento mais barato, mas o produtor certamente não conseguirá pagar o proprietário e ter algum lucro. A situação é danada para quem muito contribuiu para a expansão da fronteira agrícola do país e hoje se vê obrigado a subir ainda mais, em direção ao Norte, quando isso é possível. Na edição de setembro, o Cotrijornal vai publicar uma matéria especial sobre este impasse enfrentado pelos arrendatários do Mato Grosso do Sul, onde serão contadas as histórias de produtores sem terra que obtiveram sucesso no Estado e de outros já cansados de viver como arrendatários. Esses produtores foram, em sua maioria, os responsáveis pela mobilização que aconteceu entre julho e agosto, naquele Estado, quando as cidades foram tomadas por centenas de máquinas. Eles queriam — como querem todos os agricultores — mudanças na política para o setor. Mas o movimento, denominado "Pró-Plantio", não obteve nem resposta das autoridades.

Venda direta em estudos

Os estudos sobre a viabilidade das cooperativas brasileiras e francesas realizarem negócios diretos, com farelo de soja, vão evoluir a partir de agora. Este trabalho faz parte do projeto idealizado pela Fidene e entidades da França, com a colaboração da Fecotrigo e Cotrijuí, para intercâmbio entre os dois países. O estudo será realizado por um grupo de técnicos franceses, que terá como secretário o tecnólogo ijuiense Argemiro Luís Brum. Ele viajou para a França, no dia 15 de agosto, e deve permanecer por quatro anos no Laboratório de Economia Internacional de Montpellier, ligado ao Ministério da Agricultura. Argemiro, que vinha dirigindo a Criaec — Central Regional de Informações Agropecuárias e Econômicas, da Fidene, também estudará outros aspectos das perspectivas para o comércio Brasil-França, especialmente na área de farelo de soja, devendo ainda realizar doutorado. Mensalmente, ele enviará da França análises sobre este mercado europeu, que interessam diretamente aos produtores brasileiros e serão publicadas pelo Cotrijornal, a partir da edição de setembro. Na direção da Criaec, ele foi substituído pelo tecnólogo Roberto Macagnan, que igualmente vem colaborando com o Cotrijornal, com informações da área econômica, há bastante tempo.



Lideranças ouviram, perguntaram e sugeriram, durante a visita ao CTC

Uma barreira no caminho

Não será por falta de alternativas que a agricultura nacional deixará de encontrar novos rumos. As opções estão aí, e são representadas por uma série de trabalhos técnicos, que acabam tropeçando numa enorme barreira: a política para o setor. Isso ficou bem claro durante um encontro que aconteceu dia 18 de agosto, no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana. Lideranças do município foram ao CTC para conhecer o que vem sendo feito pela Cooperativa, em colaboração com vários órgãos, no sentido de se propor novas opções para a agricultura. Estiveram no Centro o prefeito Wanderley Burmann, dirigentes de sindicatos, associações e outras entidades, além de líderes empresariais. Eles passaram o dia no CTC, e saíram convencidos de que há saídas para o setor, com viabilidade técnica comprovada. Mas como colocar em prática estas alternativas, no sentido de beneficiar o maior número possível de produtores, se a política agrícola e,

enfim, a política econômica surgem como obstáculos? O importante é que, de qualquer forma, as alternativas estão sendo buscadas, e que aos poucos conquistam seu espaço. O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, e o diretor técnico, Renato Borges de Medeiros, lembraram na ocasião que essas propostas têm como fundamental o respeito à nossa realidade, e surgem em função também da própria experiência do agricultor. O encontro foi realizado por iniciativa das lideranças de Ijuí, mobilizadas nos últimos meses em torno da idéia de que o município pode e deve pelo menos amenizar uma estagnação econômica que há muito preocupa. É claro que esta crise tem muito a ver com a situação geral do país, mas tem também seus aspectos locais e regionais. A reunião foi o início de uma maior aproximação entre as pessoas que lidam com a agricultura, a indústria e o comércio e os órgãos públicos.

Dando a volta por cima

A unidade da Cotrijuí em Dourados recebeu este ano 32 por cento a mais de soja, em relação à safra passada. Os oito postos abrangidos pela unidade registraram a entrada de quase 52 mil toneladas, segundo o agrônomo Hermínio Guedes da Silva, coordenador técnico de Dourados. O dado, lembra ele, serve de amostra da confiança que o produtor volta a ter na Cooperativa, naquele

Estado, depois de um período de muita boataria, que ameaçou mas não conseguiu comprometer a imagem da Regional. E isso ocorreu apesar da queda na produtividade média e do reduzido aumento da área de plantio. Em relação à safra anterior, cresceu em 37 por cento o número de associados que entregaram soja à Cotrijuí este ano.

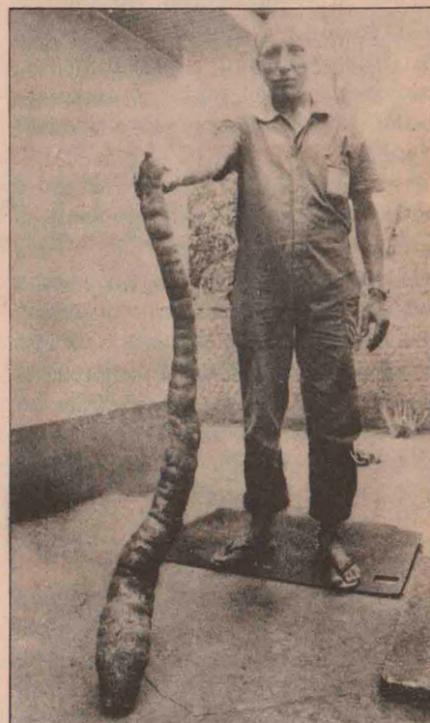
Adubação Verde
no
Brasil

Atenção ao solo

Vários trabalhos, na área de adubação verde, são relatados num livro agora editado e que divulga experiências apresentadas no 1º Encontro Nacional Sobre Adubação Verde, realizado no ano passado, no Rio, por iniciativa do CNPq — órgão federal de pesquisa, e outras entidades. Entre os textos que fazem parte da publicação está um que trata de pesquisas realizadas no CTC, da Cotrijuí, e conduzidas pelos agrônomos Renato Borges de Medeiros, Rivaldo Dhein, Luiz Volnei Viau, e os técnicos Jorge Zambra, Walter Colombo e Altamir Antonini.

Soja perderá para dendê?

Muitas previsões já foram feitas sobre o futuro da soja, que estaria com seu ciclo chegando ao fim. A mais recente novidade nessa área é a de que o óleo de soja será substituído, no início do ano 2.000, pelo óleo de dendê. Quem se encarrega de fazer este anúncio é Charles Kompier, diretor da Dendê do Pará. Hoje, segundo ele, o óleo de soja detém 22 por cento do mercado, e o de dendê, 8 por cento. No ano 2.000, o dendê empataria com a soja, conquistando uma fatia em torno de 20 por cento. O argumento é este: o dendê tem custo inferior e rende mais. Só que é uma planta que começa a produzir num prazo de uns oito anos, e o investimento inicial sai caro. O maior produtor atualmente é a Malásia, onde a produtividade pode chegar a 12 toneladas por hectare. Há, no entanto, um detalhe nisso tudo: no Brasil o dendê seria explorado apenas no Norte do país, onde o clima é mais favorável. Segundo Kompier, o Brasil está bastante atrasado nas pesquisas, e pode se arrender depois, quando esse óleo for bem mais competitivo no mercado.



Raiz pesa seis quilos

Mais de metro de mandioca

Dona Nercilda Schreiber, residente no Bairro São Geraldo, em Ijuí, ficou meio espantada, num dia de agosto, quando foi arrancar mandioca no pátio da casa e se deparou com uma raiz que não parava de sair de dentro da terra. A mandioca, de dois anos, tinha um metro e 24 centímetros, e pesava seis quilos. Antes de fazer parte de um ensopado, a mandioca gigante foi preservada, como atração na vizinhança, e saiu do Bairro São Geraldo, levada por um parente, para fazer sucesso no Bairro Assis Brasil. Com tanta planta exagerada, ainda tem gente que espera colher soja gigante, nessa época em que os preços voltam, aos poucos, a ficar miúdos.

O valor da lã rosada

“A lã rosada tem o mesmo valor comercial do que a normal”, garante Paulo Arino Tarouco Pedroso, agrônomo responsável pelo trabalho de assessoramento ao Setor de Lãs da Regional de Dom Pedrito, ao analisar o desestímulo dos criadores de ovelhas na Região Pioneira com relação a política de comercialização que até um tempo atrás vinha sendo adotada pelas indústrias. Até antes da encampação da Cooperativa de Dom Pedrito pela Cotrijuí, toda a lã proveniente da região era considerada de baixo valor comercial, recebendo sempre um preço bem inferior ao valor real. A justificativa das indústrias para tal classificação era a de que a lã apresentava uma cor rosada e por isso, não tinha muita aceitação no mercado. Tal foi o desestímulo entre os criadores, que nem mesmo a nova política adotada pela Cotrijuí com relação a classificação da lã, tem conseguido acabar com o preconceito da lã rosada. Tem muito criador que deixou de investir na ovinocultura porque não estava vendo retorno compensador pela sua produção, se voltando muito mais para a atividade agrícola.

A cor rosada que a lã da Região Pioneira apresenta é resultante da terra vermelha, que se prende na lã, mas que segundo o Paulo Pedroso, em absoluto influi na sua qualidade. Esse preconceito foi criado pelas indústrias justamente para remunerar o produtor com um preço abaixo do real e desestimular a atividade na região.

— É que antes da entrada da Cotrijuí em Dom Pedrito, quem comercializava a lã produzida na Região Pioneira eram as indústrias e, num artifício para desvalorizar o produto e pagar um preço inferior, criaram a tal de “lã rosada”. Com essa classificação e desvalorização do produto, pagavam até 50 por cento a menos do que o preço de mercado. O desestímulo foi geral e o produtor não quis saber de investir na ovinocultura.

REFLEXOS

O resultado dessa política ainda é sentida até hoje na Região Pioneira, e pode ser comprovado pelo volume de lã que tem ingressado na cooperativa, em Dom Pedrito, nestes últimos anos. Apenas 3,5 por cento do volume total de lã entregue pelos associados da Cotrijuí é oriunda da Região Pioneira.

Na verdade o único problema que ainda existe com relação a lã rosada é de que na hora da classificação, são descontados 6 por cento na quantidade examinada, justamente a média de peso de terra vermelha que fica grudada na lã, dando-lhe a aparência rosada. Mas de acordo com o agrônomo, a lã perde essa cor rosada e adquire a sua coloração normal depois de uma boa lavagem.

— A mesma máquina que vai tirar a cera e a lanolina, limpa também a cor rosada, deixando-a perfeitamente normal.

LÃ COM SEMENTE

É ainda o próprio agrônomo que faz questão de esclarecer um outro problema que também tem contribuído para

o desinteresse geral do criador da região: a questão da lã com sementes. De acordo com as indústrias, as sementes desvalorizavam a lã, que na verdade, nada tem a ver com a qualidade do produto.

— A semente não influi em nada na qualidade da lã. Na Austrália, por exemplo, possuidora de um dos maiores rebanhos de ovinos do mundo, 30 por cento da lã tem sementes, e no entanto, nem por isso, deixa de ter o mesmo valor comercial. Enquanto isso, a lã produzida na Região Pioneira não chega a ter 5 por cento de sementes. As indústrias utilizavam mais esse estratagem para desvalorizar a lã, remunerar mal o criador e assim obter um lucro maior.

BOM NEGÓCIO

A ovinocultura na região, além de significar um bom negócio, pode perfeitamente ser uma opção a mais de diversificação para o produtor. “já que a ovelha produz a lã, a carne, a pele e até o leite”. O que se faz necessário adaptar na região, segundo o agrônomo, é o cercamento das áreas próximas às lavouras, mas para evitar apenas que as ovelhas estraguem as plantações, “nada tendo a ver com problemas de semente na lã”. A sugestão do técnico de Dom Pedrito é de que os criadores implantem cercas elétricas, a exemplo do que fazem países grandes criadores de ovelhas. Cita como exemplo o caso da Nova Zelândia, onde o rebanho aumentou de 45 milhões para 65 milhões desde que se implantou o sistema de cerca elétrica na divisão dos campos, permitindo simultaneamente a criação de ovelhas e o cultivo agrícola. Também tem o seu lado econômico, como explica:

— A cerca elétrica é bastante econômica, pois apenas dois fios são suficientes e permitem o aproveitamento de áreas próximas às lavouras. Já as cercas convencionais, as mais usadas na região, necessitam de seis fios para atacar o animal.

Outra vantagem da introdução da criação de ovelhas junto às áreas agrícolas está justamente no fato dos animais poderem ser utilizados como roçadeiras da área, sendo desnecessário, portanto, a lavragem do solo por meios mecânicos, responsável pelos grandes prejuízos causados pela erosão. Como exemplo prático de aproveitamento da ovelha como roçadeira, cita o trabalho que vem sendo feito nos gramados que cercam a Unidade Regional de Dom Pedrito.

— Desde que colocamos ovelhas pastejando na área, não precisamos mais cortar o gramado. Além da economia em combustível, ainda temos aproveitado o pasto como alimento para os animais.

MELHORIAS NO REBANHO

Em razão de todo o preconceito criado em torno da lã produzida na região e do desestímulo dos criadores, a Região Pioneira tem hoje um rebanho bastante reduzido. A grande maioria dos rebanhos é formado por raças produtoras de carne. Muito poucos criadores dão alguma atenção a produção de lã. “Pela lã que chega aqui em Dom Pedrito, podemos verificar que de um modo geral, o produto da Re-



É preciso investir no rebanho

gião Pioneira é de boa qualidade”. A afirmação do Pedroso pode ser comprovada pela classificação que a lã produzida na região tem recebido, quase sempre ficando como tipo Prima A e Prima B, com uma percentagem de 15 por cento, o que é considerado alto, já que existem mais de 900 classificações de lã.

Vencido todos estes preconceitos que ainda persistem, o Paulo Pedroso acredita que a Região Pioneira tem tudo para ser considerada uma das mais fortes produtoras de lã do Estado. Só que para a região atingir tal estágio, acha que em primeiro lugar é preciso convencer o produtor a investir um pouco mais no seu rebanho, no sentido de melhorar a qualidade dos animais. “Quando cheguei em Dom Pedrito conheci um ditado muito verdadeiro, que diz que o carneiro está para o rebanho, assim como a semente está para



Paulo Pedroso: o mesmo valor

a planta”. Em outras palavras, o Pedroso quer dizer que uma melhoria nos carneiros e ovelhas na hora da cruz, determinará, a longo prazo, um rebanho de boa qualidade.

Além da melhoria na qualidade dos animais, o Pedroso recomenda ainda alguns cuidados sanitários ao rebanho, principalmente no sentido de um controle intensivo de verminoses e sarnas.

Como iniciar

Para quem ainda não lidou com ovelhas, mas anda pensando em introduzi-las na sua propriedade, o Paulo Pedroso dá algumas sugestões de como entrar para a atividade de maneira correta e de acordo com os seus propósitos de criação. A preocupação deve começar com a escolha das raças que deve ficar de acordo com o propósito definido, época de aquisição dos animais até tratamentos sanitários. Eis os conselhos do técnico:

● Em primeiro lugar o criador iniciante deve escolher a época mais apropriada para adquirir os animais. Geralmente logo após o período de tosquia, que vai de setembro a meados de janeiro, os animais apresentam menores preços e portanto, são mais fáceis de serem adquiridos. Fora deste período os animais estão com preços mais elevados e de um modo geral, nenhum criador quer saber de mexer no seu rebanho ou se desfazer de algum animal, pois é justamente a partir desta época que a ovelha começa a lhe render algum lucro.

● A raça deve ser escolhida de acordo com o propósito da criação. Se o criador optar por produzir lãs, por exemplo,

ele deverá escolher raças como Ideal e ou Merino Australiano. Se preferir produzir carne, as melhores raças são Ile de France, Texel e Hampshire Down. Se tiver duplo propósito de carne e lã poderá adquirir as raças Corriedale e Romney Marsh.

● Outra preocupação do criador deve ser a de procurar escolher a raça de acordo com o tipo de campo da sua propriedade. Para um solo pobre em fertilidade, o ideal é uma raça que seja mais apropriada para a produção de lã.

● Num campo com fertilidade média pode ser introduzida uma raça de duplo propósito — carne e lã.

● Se o campo tiver fertilidade alta, com pastagens abundantes, o futuro criador poderá pensar na produção de carnes, e, portanto, na aquisição de animais de raça mais específica para este propósito.

● Na Região Pioneira, de um modo geral, se faz necessário a implantação de pastagens para a criação de ovelhas. Embora elas comam desde pastos mais finos até ervas, o seu habitat natural e ideal são os campos altos, com pastos tenros e finos.

Pouca atenção

"Estamos engatinhando em ovinocultura", comenta o veterinário João Carlos Schöfer ao falar do trabalho que o Departamento técnico da Unidade de Jóia começa a fazer, na intenção de introduzir melhoramentos nos rebanhos da região. Por enquanto, todo o trabalho ainda está a nível de troca de informações de uma região para outra. Dois técnicos de Jóia estiveram em Dom Pedrito, onde tiveram a oportunidade de conhecer na prática o sistema de manejo, de reprodução, e de tosquia que o pessoal da campanha vem praticando na atividade com muito sucesso. O próprio Paulo Pedroso, agrônomo responsável pelo setor de lãs da Regional de Dom Pedrito esteve em Jóia conversando com os criadores da região. E o objetivo não foi o de apenas trazer informações novas mas também conhecer o tratamento que o pessoal da Região Pioneira dá a atividade.

A ovinocultura não é uma atividade estranha aos criadores da região de Jóia, apenas não tem recebido a devida importância, ficando quase sempre relegada a um segundo plano dentro da propriedade. Todo esse desinteresse, segundo o João Carlos, tem a sua razão, fundamentada pela própria desvalorização da lã e da pele. "Até hoje, embora a situação já tenha mudado, ainda existe o preconceito de que toda a lã produzida na Região Pioneira e conhecida como "lã rosada" não tem nenhum valor comercial. Qual o criador que enfrentando este tipo de preconceito, iria querer investir na atividade?

Quase ninguém e quem mantém o seu rebanho tem apenas um propósito: o de produzir carne para o consumo da propriedade. É justamente esta mentalidade, esse preconceito que ainda existe que queremos mudar", diz o veterinário.

O João Carlos reconhece que o trabalho não vai ser fácil e admite também que não pode ser feito assim de uma hora para outra, pois envolve inclusive mudanças de comportamento dos criadores com relação ao manejo do rebanho. "Vamos começar aos poucos, primeiro tentando definir as raças que existem na região e os interesses dos criadores". Para as condições de pastagens que existem na região o técnico acredita que a melhor raça seria uma de duplo propósito — carne e lã. Um segundo passo começaria com o controle de verminoses do rebanho. O tratamento será feito de acordo com o verme específico, identificado no animal através de exames laboratoriais. Até hoje esse controle, e inclusive a medicação, vem sendo feito na região considerando apenas a experiência. "Não tem sido um controle mais específico, como o que pretendemos introduzir, onde o animal é tratado muito antes de apresentar os primeiros sintomas de que está doente", explica João Carlos.

OVELHA COM GADO

O que o departamento técnico da Unidade de Jóia está propondo é um trabalho integrado de criação de ovelhas com gado de corte e até gado de leite. "Não queremos uma atividade isolada",



Além da lã, também as peles e pelegos estão recebendo preços mais reais

explica melhor. Para cada bovino, segundo o João Carlos, é possível criar na mesma área, quatro ovelhas, lembrando também que ovinocultura exige um pouco mais de atenção do que qualquer outra atividade pecuária. Esse cuidado ainda se torna maior durante o verão, quando o criador tem obrigação de dar uma olhada no rebanho, no mínimo de dois em dois dias para evitar os prejuízos advindos de bicheiras. Também não exige grandes investimentos, a não ser na aquisição de algum reprodutor de raça e medicamentos.

MELHOR REMUNERAÇÃO

A própria Cotrijuí tem procurado valorizar todo o produto, quer seja lã, pele, pelegos, entregue na cooperativa através de preços mais compensadores. "O adiantamento de Cr\$ 3.000 pelo quilo da lã que estamos pagando no momento, é uma prova de que a Cooperativa também está interessada em que a ovinocultura mereça maior atenção e seja encarada pelo associado, como mais uma opção de diversificação dentro da sua propriedade", diz o Afonso Conrad, gerente da



João Carlos: mais atenção

Unidade de Jóia. Se até a safra passada uma pele valia pouco mais de Cr\$ 3.000, hoje o seu preço varia entre Cr\$ 4.000 a Cr\$ 12.000, conforme a classificação que receber. "Preços mais justos pelo produto entregue na cooperativa o criador já está recebendo. Falta o produtor investir em melhoramentos no seu rebanho", diz o Afonso.

Sempre de olho no rebanho

Criador de ovelhas desde guri novo, o seu Francisco Soares Laureano, proprietário de 110 hectares na localidade de São João Mirim, no município de Jóia, não costuma renegar qualquer lida de campo, mas acha a ovinocultura uma atividade de muita trabalhadeira, pois quando não são as bicheiras ou verminoses, é a sarna que ataca o rebanho. "O criador tem de andar sempre com os olhos pregados em cima do rebanho, senão, quando menos espera, as ovelhas estão morrendo, ou de vermes ou de bicheira", diz o seu Francisco, contando ainda que só começou a entender mesmo de ovelha pelos 20 anos, quando capatazeou uma fazenda em Tupanciretã e pode formar seu próprio rebanho.

— Foi lá em Tupanciretã, na fazenda da Figueira, que comecei a criar ovelhas. Até uns anos atrás, sempre criei em campo alheio, que ainda não tinha propriedade. Ao deixar a fazenda, tive de reduzir o plantel por falta de campo. Vendi a maior parte dos animais, só deixando alguns para o gasto. Ovelha é um animal que desaperta a gente bem ligeiro, porque dá carne na hora.

O rebanho de ovelhas do seu Francisco é formado por pouco mais de 60 animais, de raça misturada, como diz. Alguns animais tem um pouco da raça Ideal, outros são mistura da raça Corriedale. Mesmo não tendo um rebanho de raça definida, suas ovelhas são mais produtoras de lã do que carne. "Para produzir carne não tem como a ovelha "cara negra", só que é um animal muito daninho. Na lavoura que entra não sobra quase nada". Apesar da trabalhadeira, seu Francisco bem que gostaria de aumentar o rebanho, introduzindo até raças mais

puras, mas além do problema de espaços, que ele também planta de tudo e um pouco e ainda faz uma erva para o chimarrão da família nas horas de folga,

Francisco Laureano tem enfrentado dificuldades na aquisição de animais.

— Quem tem ovelhas aqui pela região, não quer saber de se desfazer dos animais. Comprar em outras regiões, como na fronteira, por exemplo, sou meio contra, pois pode que a ovelha não se adapte aos campos daqui.

Considerado um criador tradicional, seu Francisco não acredita muito nas inovações que o pessoal lá da fronteira anda introduzindo no manejo dos rebanhos. Faz questão de contar que nunca fez inseminação artificial, por dois motivos: um que seu rebanho é pequeno, não tem uma raça definida e não comporta tal investimento. O outro motivo é porque considera a inseminação como um sistema que vai contra a natureza. "Ainda sou daqueles criadores que acha que cordeiro tem que nascer entre os meses de julho e agosto. Cordeiro de setembro nasce fraco e não vinga".

Muito menos concorda com a realização de duas tosquias nos animais durante o ano. Ainda prefere fazer apenas uma tosquia "como é o sistema da região" e



Francisco Laureano



Airton Viana

quanto o meu rebanho é pequeno".

JÁ DEIXOU DE GANHAR DINHEIRO

Assim como não acredita na eficiência da realização de duas tosquias por ano, o seu Francisco assegura que o preconceito da lã rosada já não existe mais, embora admita que em anos anteriores tenha deixado de ganhar algum dinheiro por causa da ação do intermediário.

— Desde que passei a entregar lã na Cooperativa de Tupanciretã e depois na Cotrijuí, a minha lã passou a valer mais. Mas até então, as indústrias e o intermediário ganharam muito dinheiro com a história de que a lã rosada não tinha valor comercial. Essa política aí, "desacorçou" muito criador aqui da região.

Ao contrário do seu Francisco, o Airton Machado Viana, proprietário de 30 hectares em Carajá Grande, também no município de Jóia, vê a ovinocultura como uma atividade bastante simples, sem muito segredo. A única trabalhadeira que dá ocorre justamente na época da tosquia e castração dos cordeiros. De resto é só o criador ficar com os olhos em cima

com tesoura. "Nunca tosei minhas ovelhas com máquinas, como a maioria do pessoal anda fazendo. Ainda prefiro a tesoura, isso en-

do rebanho por causa das bicheiras, verminoses e sarna. "A lida não é grande e tem a vantagem de ser um animal que se cria em qualquer canto, junto com o gado e os cavalos".

Todo o rebanho do Airton é formado por 25 ovelhas, também sem raça definida, criadas em poteiros e alimentadas com milho, aveia e azevém durante os meses de inverno e pensacola no verão.

— Sou obrigado a fazer pastagens porque meus poteiros são muito pequenos e não tenho outro espaço para criar ovelhas, pois ainda planto soja, milho. Mas a ovinocultura é uma atividade que não dá despesas, e a gente sempre tem carne em casa e ainda faz algum dinheiro com a venda da lã. O gasto maior fica por conta dos medicamentos contra a verminose.

A previsão do Airton é de continuar aumentando o rebanho, adquirindo inclusive um reprodutor de melhor qualidade. Só não quer um animal de raça pura, porque o investimento é grande, embora a lã esteja sendo valorizada.

— Meu interesse pela atividade não é comercial, por isso acho que não vale a pena investir tanto na atividade. Quem sabe, mais adiante até mude de idéia. Mas por enquanto, a minha intenção é a de produzir carne.

Como recém está na atividade, pouco mais de quatro anos, o Airton não chegou a enfrentar os problemas da lã rosada e até tem tido muita sorte com o produto entregue na cooperativa. "Acho até que deu uma classificação boa, pois fiquei surpreso com o retorno que a lã me deu este ano. Recebi uma média de Cr\$ 3.000 por quilo".



Em Santo Ângelo, a última reunião no interior, antes do encontro na capital



Em Ijuí, uma assembléia, no início do boicote que iria durar cinco dias

O GRITO DO CAMPO

Moradores do campo e da cidade participarão do encontro, dia 2 de outubro em Porto Alegre

Os produtores gaúchos deverão realizar, dia 2 de outubro, no Gigantinho, em Porto Alegre, a maior concentração dos últimos anos, como protesto não só contra a política oficial para o setor, mas também como manifestação de descontentamento pela situação geral do país. E, desta vez, o setor primário ganha o reforço de entidades representativas de praticamente todas as áreas de atividade, através de sindicatos, associações, partidos políticos. "O grito do campo" será, na verdade, bem mais do que um protesto de agricultores, pois envolverá também o pessoal da cidade.

INTEGRAR

A Fecotriço lidera o movimento, articulado desde o final de agosto, com o argumento de que o quadro enfrentado pela agricultura é insuportável, e que as mudanças exigem uma luta integrada entre produtores e todos os setores da sociedade. É assim que as posições assumidas pela entidade (veja abaixo) não se restringem apenas a questões que interessam ao meio rural. A Federação vai mais longe, e questiona toda a estrutura política, econômica e social do país, condenando prin-

cipalmente o sacrifício a que o Brasil se submeteu sob as ordens do FMI.

TODA NAÇÃO

"Não podemos ficar de braços cruzados e ser fiadores desta situação", disse em Santo Ângelo, no dia 11 de setembro, o presidente da entidade, Jarbas Pires Machado. Ele falou na última reunião preparatória antes da concentração do dia 2, que contou com dirigentes de cooperativas, sindicatos rurais e de trabalhadores, de partidos e outras entidades, na sede da Cotrisa, onde estiveram cerca de 250 pessoas. Jarbas expôs os motivos que levaram à organização do protesto, sempre ressaltando que não estão em jogo, no momento, apenas os interesses dos produtores, "mas de toda a nação".

Nesse encontro, ficou claro que o importante agora é a união da "sociedade brasileira, em defesa da soberania nacional", como muitos disseram. Mas nem por isso deixaram de ser abordados aspectos polêmicos, como os conflitos que, segundo alguns dirigentes de sindicatos, devem surgir no momento de se defender questões específicas. Este seria o caso do

crédito subsidiado, que não deve — de acordo com esta posição — privilegiar indistintamente os produtores.

INTERESSES

"Se isso ocorrer, como vinha acontecendo, os grandes produtores continuarão sendo os maiores beneficiados, adquirindo as terras dos pequenos", disse Ilmo Afonso Adams, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caibaté. Outros líderes sindicais fizeram observações semelhantes, diante da mesma indagação: como conciliar interesses de grandes, médios e pequenos produtores?

As posições assumidas pela Fecotriço não chegam aos detalhes que possam estimular estes conflitos, como acontece com o crédito subsidiado. Há propostas básicas, para encaminhamento da luta, mesmo porque, segundo Jarbas Pires Machado, "as diferenças de interesse, no momento, inexistem". Para ele, o importante é que "todos, produtores, consumidores e a sociedade brasileira tomem consciência de que devemos buscar saídas para o país, porque a atual situação não interessa à nação".

ALIANÇAS

O sociólogo Telmo Frantz, assessor da Fecotriço, também reforçou esta posição, no encontro da Região 6 da Federação, em Santo Ângelo. "As alianças, neste momento, são básicas", disse ele. Para Telmo Frantz, o que interessa agora é resistir especialmente ao quadro criado pelas imposições do FMI, sem que com isso se queira dizer que as diferenças devam ser mascaradas ou ignoradas. A prioridade deve, então, ser dada ao que existe de comum: o desejo de transformações, manifestado pela grande maioria da população.

Na mesma reunião na Cotrisa, muita gente comentou a necessidade de se estabelecer uma estratégia para a continuidade do movimento, o que deve acontecer dia 2 de outubro em Porto Alegre. Outros lembraram que no mesmo dia 2 os produtores devem, de qualquer forma, estar também mobilizados no interior. A Cotrijuí esteve representada nesse encontro pelos diretores adjuntos da Região Pioneira, Euclides Casagrande, de Operações, e Bruno Eisele, de Comercialização; e o diretor de Comunicação, Educação e Recursos Humanos, Rui Polidoro Pinto.

"Pela nação que nós queremos"

A análise feita pelo presidente da Fecotriço, durante o encontro da Região 6 em Santo Ângelo, leva em conta a situação da agricultura dentro de um contexto, e não o setor primário isoladamente. Jarbas Pires Machado fez observações em torno inclusive da concentração da terra e da renda no meio rural, condenando a posse de extensas áreas para especulações. Abaixo, uma síntese do que ele falou:

As promessas

"Vamos encher a panela do povo. Este foi o apelo feito a nós, agricultores, quando pela primeira vez no país se disse que a agricultura seria prioritária. Prometeram recursos para o setor, sempre de acordo com suas necessidades, e para que se atendesse a demanda nacional. A nação estava em dificuldades, e dependia do nosso esforço a solução de problemas como a dívida externa, a crise da energia, a inflação. Foi com esse compromisso que chegamos aos anos 80. Infelizmente as coisas não aconteceram como estavam previstas, e hoje a agricultura enfrenta, na verdade, a sua pior crise, e uma inflação de 340 a 350 por cento".

A dívida

"A agricultura deveria contribuir para o pagamento da dívida externa. Isso não aconteceu, a dívida cresceu, e não há



Jarbas: não ficaremos de braços cruzados quem prove que a culpa é nossa. Em 83, o país foi entregue de bandeja ao Fundo Monetário Internacional, e mergulhou na maior crise da história republicana. Não pagamos a dívida, não aumentamos a oferta de alimentos, mas mesmo assim o agricultor manteve a área de plantio. Num determinado momento, não mais foram considerados os interesses da agricultura, do consumidor e da sociedade em geral, mas dos credores internacionais. O nosso esforço se deu para satisfação dos interesses destes credores".

A população

"O povo brasileiro cada vez come menos, e ano a ano essa situação se agrava. O que faltou na mesa do povo, não faltou na ganância dos credores internacionais. Cada um de nós conhece pelo menos um vizinho, um amigo, um parente, que teve de deixar a sua terra e engrossar ainda mais a camada marginalizada da população. Mas não podemos ficar de braços cruzados e ser fiadores dessa situação. Temos que nos colocar ao lado dos nossos interesses, que são, afinal, os interesses da nação. Temos que assumir uma postura em favor da nação que nós queremos".

A terra

"O Brasil produz de 45 a 50 milhões de toneladas na agricultura. A França, com área nas proporções do Rio Grande do Sul, produz o dobro. Temos um imenso vazio inexplorado, pois aproveitamos apenas 10 por cento da área que poderia ser útil à produção de alimentos. Há no país 62 pessoas que possuem área superior àquela explorada pela agricultura, ou seja, mais de 52 milhões de hectares. E toda esta extensão está ociosa, serve apenas à especulação. Se alguém quiser fazer um loteamento à beira de uma praia, terá financiamento fácil. Mas duvido que alguém consiga recursos para adquirir um hectare de terra".

As posições da Fecotriço

Este é o texto que a Fecotriço incluiu nos folhetos sobre a concentração do dia 2 de outubro, com as posições defendidas pela entidade:

Vamos dar o grito do campo

- Porque estamos todos descontentes com a situação da nossa agropecuária.
- Porque a política agrícola é contrária aos interesses do produtor.
- Porque não podemos permanecer em nossa atividade.

Vamos dizer não

- Não à política recessiva imposta aos brasileiros pelo FMI.
- Não ao atual modelo econômico, anti-nacional e socialmente injusto.
- Não ao atual modelo político, anti-democrático, que afasta o povo das decisões.
- Não à concentração da terra e ao arrocho salarial, e ao extermínio do mercado interno.

Vamos exigir

- A vigência da plena democracia.
- O tratamento soberano da dívida externa.
- Uma política econômica de crescimento, soberana e socialmente justa.
- O fortalecimento do mercado interno, a desconcentração da renda e o fim do arrocho salarial.
- Uma política agrícola voltada aos interesses dos produtores e consumidores brasileiros.
- Uma política fundiária que garanta o direito daqueles que querem trabalhar a terra.

Um boicote como alerta

Por pouco o abastecimento de leite no Estado não sofreu um colapso, no início de setembro. No período de 3 a 7, durante a Semana da Pátria, os produtores gaúchos decidiram suspender a comercialização de leite, soja, suínos, num boicote que serviu de amostra do que pode acontecer se a situação continuar como está. O movimento foi organizado pelos sindicatos de trabalhadores rurais, e atingiu principalmente a entrega do leite, reduzida em dois terços no Rio Grande do Sul. Os produtores esperam que o boicote tenha, pelo menos, servido de alerta.

A suspensão na comercialização dos produtos foi complementada com a também suspensão na compra de insumos e outras mercadorias. O protesto mobilizou os pequenos produtores do Estado, em praticamente todos os municípios, a partir de uma decisão tomada em assembleia da Fetag - Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul. Esta decisão estabelecia que durante a Semana da Pátria o produtor não deveria comprar nem vender.

APOIO

O movimento teve o apoio dos sindicatos da cidade e associações, conseguindo assim sensibilizar a população urbana. Nas concentrações que aconteceram no dia 3, vários líderes de trabalhadores foram às tribunas para manifestar solidariedade aos agricultores, como aconteceu em Ijuí. Depois, no dia 7, quando do desfile da Independência, em muitas cidades houve caminhadas de protesto, com faixas e cartazes. E mais uma vez os moradores do interior e da cidade estiveram unidos.

O boicote da Semana da Pátria deu um susto principalmente nas indústrias de leite. Em Ijuí, a unidade da Cooperativa Central Gaúcha de Leite, que deveria receber, por dia, uma média de 220 mil litros do produto, recebeu apenas 45 mil litros, ou seja em torno de 21 por cento do total em dias normais. Mas vale lembrar que destes 45 mil litros, 30 mil vieram de Panambi, onde o boicote, pelo que se vê, não funcionou.

A grande maioria, dos produtores dos outros 11 municípios que entregam leite a CCGL aderiu ao movimento. Segundo Pérsio Bertol, gerente da indústria, a Cooperativa se viu obrigada a reconstituir leite em pó, para que o abastecimento não fosse prejudicado.

Também a comercialização de suínos, e inclusive a de soja, foi bastante reduzida, como puderam constatar os funcionários da Cotrijuí que dão atendimento aos produtores nas unidades. A Cooperativa - a exemplo de outras entidades do setor - não teve expediente exerno no dia 3 à tarde e no dia 4 pela manhã, como apoio aos seus associados.

POSIÇÕES

A Fetag ainda não programou o que vai acontecer a partir de agora, mas os produtores

continuam organizados e prontos para outra mobilização, segundo seu presidente, Ezídio Pinheiro. Com base nas posições dos sindicatos, a Federação tem reivindicações no papel, que tratam de várias questões e podem ser assim resumidas:

- Crédito rural subsidiado aos produtores de até 50 hectares, com taxa de juro fixa e não superior a 60 por cento ao ano.
- Moratória aos pequenos agricultores, até julho de 85, beneficiando os que não conseguiram pagar suas dívidas por falta

de recursos.

- Preços mínimos que cubram os custos de produção e permitam o lucro previsto no Estatuto da Terra.
- Condições para que se produza, com prioridade, para o mercado interno, com diversi-

ficação da produção. Para isso é preciso mudança no modelo econômico, político e social do país.

- Reforma agrária com efetiva participação dos trabalhadores rurais e urbanos e de acordo com seus interesses.

EXTRA

Parabéns aos fortes do milho. Usando PRIMEXTRA vocês ganharam produtividade



comodidade



CIBA-GEIGY
DIV. AGROQUÍMICA

022/84

Quanto o produtor vai receber

Com as mudanças introduzidas na área de crédito — o governo mexeu nas faixas de financiamento e ainda alterou os percentuais de limites de crédito — quem saiu realmente beneficiado foi o grande produtor, que teve um aumento de 454 por cento na verba a quem tem direito para plantar o arroz; 452 por cento para o plantio do milho e mais 280 por cento para a soja. O pequeno produtor teve um aumento de apenas 228 por cento no crédito para o plantio de arroz; 227 por cento para o plantio de milho (a metade de aumento concedido aos grandes produtores) e apenas 153 por cento para a soja contra os 280 por cento concedidos aos grandes. Os produtores vão pagar pelo dinheiro pego para formar as lavouras de verão uma taxa de 100 por cento da correção monetária e mais três por cento de juros.

O Luís Juliani, do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí fez um levantamento para descobrir o quanto de dinheiro cada produtor, dentro de sua faixa de limite de crédito vai receber como verba de custeio para aplicar na formação das lavouras de verão. Como base para os cálculos foi feita uma comparação entre os valores básicos de custeio da safra anterior (83/84) com os valores que serão aplicados na próxima safra de verão. Também foi considerada a faixa de produtividade aplicada para a região e as diferenças de financiamentos para as duas safras.

O Juliani ainda considerou, para efeito de cálculo três faixas de classificação — pequeno, médio e grande — (vale lembrar que para a próxima safra serão consideradas apenas duas faixas), para as culturas da soja, milho, feijão, arroz irrigado e arroz sequeiro. Com os cálculos em mãos, os produtores terão condições de saber direitinho que quantia de dinhei-

ro poderão contar e qual foi o percentual real de aumento de uma safra para outra.

A SOJA

Para uma produtividade média de 30 sacos por hectare (entre 1.751 a 2.000 quilos), o VBC da futura safra foi fixado em Cr\$ 407.000, contra os Cr\$ 106.700, da safra 83/84.

Pequeno produtor — Na safra passada, considerando que tinha direito a um percentual de 90 por cento, o pequeno recebeu Cr\$ 96.300. A partir de agora, com apenas 60 por cento de crédito, terá direito a Cr\$ 244.200, com um aumento de Cr\$ 148.170, por hectare em relação a safra anterior. O acréscimo foi de 154,30 por cento.

Médio produtor — Recebeu na safra 83/84, 60 por cento, ou seja Cr\$ 64.020, por hectare. Nesta safra vai receber, se classificado como pequeno, Cr\$ 162.800, com um aumento de Cr\$ 97.780, isto é, um acréscimo de 154,30 por cento.

Grande produtor — Considerando o percentual de 40 por cento estipulado na safra 83/84, recebeu Cr\$ 42.680. Já para a futura safra, terá a sua disposição Cr\$ 162.800. O aumento em relação a safra passada foi de Cr\$ 126.120 por hectare, com um acréscimo de 281,45 por cento.

O MILHO

Considerando uma faixa de produtividade de 2.101 a 2.500 quilos por hectare, o valor básico de custeio da safra 83/84 foi de Cr\$ 84.200. Este ano o VBC foi fixado em Cr\$ 309.000.

Pequeno produtor — O crédito dado ao pequeno produtor na safra passada ficou em 90 por cento. Ele recebeu, portanto, Cr\$ 75.780. Como neste ano terá direito apenas a 80 por cento, o pequeno receberá Cr\$ 247.200. O aumento foi de Cr\$ 171.420, com um reajuste de 226,21 por cento.

Médio produtor — Com 60 por cen-

to de financiamento nas duas safras, o médio terá Cr\$ 134.880 a mais à sua disposição, uma vez que na safra passada ele recebeu Cr\$ 50.520. Para esta safra, terá direito a Cr\$ 185.400, com um percentual de aumento de 266,99 por cento.

Grande produtor — Seu financiamento aumentou de 40 para 60 por cento. Se na safra anterior recebeu apenas Cr\$ 33.680 para formar um hectare de milho, neste ano terá à sua disposição um crédito de Cr\$ 185.400. A diferença foi de Cr\$ 151.720. O reajuste para o grande produtor foi de 450,48 por cento.

O FEIJÃO

No ano passado todos os produtores de feijão, independente de classificação, tiveram direito a 100 por cento do financiamento, ou seja, Cr\$ 112.900. Com as mudanças, os grandes produtores receberão 80 por cento e os grandes 60 por cento. O VBC, para a faixa de produção entre 801 a 1.000 quilos por hectare, foi fixado para a safra 84/85 em Cr\$ 450.000.

Pequeno produtor — Com um percentual de 80 por cento, o pequeno terá à sua disposição para formar a sua lavoura de feijão Cr\$ 360.000, com um aumento de Cr\$ 247.100 por hectare. O acréscimo, portanto, foi de 218,87 por cento.

Grande produtor — Vai receber apenas 60 por cento do valor total de custeio, tendo direito, portanto a Cr\$ 270.000. O aumento foi de Cr\$ 157.100 e um reajuste de 139,15 por cento.

ARROZ IRRIGADO

Para uma faixa de produtividade entre 4.201 a 5.000, quilos por hectare, o valor do custeio será de Cr\$ 813.000. Na safra passada o produtor teve direito a Cr\$ 222.000.

Pequeno produtor — Com um financiamento de 90 por cento, ele teve direito na safra passada a um custeio de

Cr\$ 199.000. Nesta safra ele perdeu 10 pontos percentuais e vai receber Cr\$ 650.400 para formar apenas um hectare de arroz. O aumento foi de Cr\$ 450.600 e um reajuste de 225,53 por cento.

Médio produtor — com crédito de 60 por cento, recebeu na safra passada Cr\$ 133.200. Na futura safra receberá Cr\$ 487.800. A diferença é de Cr\$ 354.600, que representa uma elevação em 266,22 por cento.

Grande produtor — Com um crédito de 40 por cento, recebeu na safra passada Cr\$ 88.800. Este ano passou a receber 60 por cento, e terá direito, portanto, a Cr\$ 487.800. A diferença de um ano para outro é de Cr\$ 399.000 e o percentual de aumento ficou em 449,33 por cento.

ARROZ SEQUEIRO

Em 84/85 o VBC será de Cr\$ 310.000 para a faixa de produtividade de 1.001 a 1.300 quilos por hectare. Na safra passada o VBC, para esta mesma faixa ficou em Cr\$ 82.300.

Pequeno produtor — Tinha financiamento de 90 por cento, recebendo, portanto, a Cr\$ 74.070. Com direito a 80 por cento do financiamento, receberá nesta safra Cr\$ 248.000. Isto representa uma diferença de Cr\$ 173.930 por hectare, ou seja, uma elevação de 234,82 por cento.

Médio produtor — Com 60 por cento nas duas safras, teve à sua disposição Cr\$ 49.380 em 83/84. Na futura safra contaria com Cr\$ 186.000, com Cr\$ 138.620 por hectare e um reajuste de 276,67 por cento.

Grande produtor — Também bastante beneficiado na cultura do arroz, pois o financiamento aumentou de 40 para 60 por cento. Seu crédito era de Cr\$ 32.920 e passou para Cr\$ 186.000, com um reajuste de 465 por cento. A diferença é de Cr\$ 153.080.

Verba não cobre custos

Um outro trabalho feito pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí mostra as despesas que o produtor vai ter ao formar um hectare de soja e o quanto de dinheiro ele terá de desembolsar. O pequeno produtor por exemplo, que nesta safra conta com apenas 60 por cento do valor global de custeio e que corresponde a quantia de Cr\$ 244.240, terá à sua disposição, de imediato ao ato de assinatura do contrato, um valor de Cr\$ 122.100 (que equivale a 50 por cento do custeio a que tem direito). Esse dinheiro será usado na compra de sementes e fertilizantes. O quadro abaixo mostra direitinho que só nestes dois itens iniciais, os custos reais de formação da lavoura já alcançam um valor correspondente a Cr\$ 178.480, portanto Cr\$ 56.380 a mais do valor oficial de custeio. Luís Juliani, o responsável pelo trabalho faz questão de ressaltar que não foram computados os gastos com as despesas de preparo da terra e o plantio da semente. Se fossem considerados todos estes gastos, seria necessário acrescentar ain-

da mais Cr\$ 195.274 de despesas aos Cr\$ 178.480.

Se estes Cr\$ 178.480 fossem retirados da verba de custeio, restaria ao produtor apenas a quantia de Cr\$ 65.720 para ser empregada na aplicação de defensivos, tratamentos culturais e colheita. Só no item colheita, por exemplo, o produtor necessita de Cr\$ 75.460, computando os gastos com combustíveis, lubrificantes, conservação, reparos, entre outros. A situação do grande produtor não fica muito longe e só nos dois primeiros itens ele já ocupa todo o dinheiro a que tem direito ao receber 40 por cento do VBC.

Estes números que também foram discutidos com os produtores nos Seminários de culturas de verão realizados em todas as Unidades da Regional Pioneira, mostram que mais uma vez vai faltar dinheiro para o produtor formar sua lavoura de acordo com as recomendações técnicas. O desembolso de dinheiro vai ser grande. A situação se agrava ainda mais pela descapitalização do produtor.

Apenas duas faixas para efeito de custeio

A grande novidade desta safra que logo já começa a ser plantada, é que os produtores, para efeito de contratação de financiamento de custeio para a próxima lavoura de verão, serão enquadrados em apenas duas classificações: a do pequeno e a do grande. Neste caso desaparece a figura do médio produtor. Essa alteração, segundo as autoridades da área agrícola, não significa nenhuma mudança mais radical nos critérios de classificação dos agricultores, tanto que continua existindo o pequeno, o médio e o grande produtor. Ela apenas será utilizada para efeito de liberação do crédito rural da safra de verão 84/85.

Com a alteração, todo o produtor que comprovar uma renda bruta de até 2.000 MVRs — Maior Valor de Referência, ou Cr\$ 97.503.800 terá direito portanto, a 60 por cento do custeio no caso do plantio da soja e 80 por cento no caso do plantio do milho, feijão ou arroz. A renda bruta deverá ser comprovada com base no MVR de dezembro de 83 (quando a unidade equivalia Cr\$ 28.294). O produtor com renda bruta superior a 2.000 MVRs será enquadrado na faixa de grande, apenas para efeito de custeio, com direito a 40 por cento do VBC da soja, e 60 por cento do VBC do milho, feijão e arroz.

Aquele produtor que estiver pensando em aumentar a área de lavoura em mais de 15 por cento em relação ao que foi plantado no ano anterior (seja por

aquisição ou arrendamento de terras), não será enquadrado dentro dessa classificação. O limite de crédito para esse produtor (considerando sempre os 40 e 60 por cento), será fixado de acordo com uma projeção da renda a ser obtida na próxima safra. Só que na projeção será usada como referência o MVR atual, no valor de Cr\$ 48.294. Se a projeção for superior a 2.000 MVRs, esse produtor ficará enquadrado então na faixa de grande produtor, com direito a apenas 40 por cento da verba de custeio para o caso da soja. Em outras palavras, isto significa que um produtor que até a safra anterior vinha plantando 100 hectares de soja, e adquiriu mais 20 e quer transformá-los em lavoura não cairá diretamente em nenhum destes limites. O seu limite de crédito vai depender da projeção de renda, e tanto poderá ter direito a 40 como 60 por cento (lavoura de soja).

Os financiamentos para custeios, de acordo com informações do gerente da Agência do Banco do Brasil de Ijuí, Amário Mombach, estão sendo liberados, conforme com as necessidades da região, considerando os mesmos critérios adotados em safras anteriores. O produtor, no ato de assinatura da contratação da verba recebe 50 por cento do valor global a que tem direito. Os outros 30 por cento — destinados a aplicação de defensivos — serão liberados em novembro e a verba de colheita (mais 20 por cento), em fevereiro de 85.

VALOR BÁSICO DE CUSTEIO — SOJA — SAFRA 84/85

Rubrica	Especificação	Quantidade Kg/ha	Cr\$/kg	Faixa Produtiva	
				1.751 kg 60%	2.000 kg 40%
Sementes	Fiscalizada	80	956	76.480	76.480
Fertilizantes	2-26-16	150	680	102.000	86.320
Defensivos, Tratos culturais e Colheita	—	—	—	65.720	—
TOTAL				244.200	162.800

Fonte: Diretoria Agrotécnica

Reajuste de 261 por cento

Os preços básicos para a próxima safra a ser plantada neste final de ano e ser colhida no início de 1985 — fixados pelo governo federal em meados de agosto — tiveram um reajuste médio de 261,5 por cento. Se o governo pensava que ficando um reajuste nesta ordem (índice superior a inflação) ia conseguir acalmar os ânimos dos produtores, deve ter sentido um tanto frustrado, pois as manifestações contra a atual política de crédito, simplificada pela falta de recursos a serem aplicados na agricultura e a custos proibitivos, continuaram da mesma forma. Nem mesmo o reajuste médio de 261 por cento — considerado até satisfatório — fez com que os produtores esquecessem a política de crédito estipulado pelo governo para a próxima safra de verão.

O maior aumento foi concedido para o amendoim, com 435,7 por cento sobre o valor fixado na safra anterior. De Cr\$ 2.800, o preço de um saco de 25 quilos de amendoim pulou para Cr\$ 15.000. A soja teve o segundo maior reajuste, recebendo 361 por cento. O valor de um saco de 60 quilos passou de Cr\$ 4.338 (preço anterior ao reajuste), para Cr\$ 20.000. O amendoim e a soja foram os dois produtos que puxaram para cima a média de reajuste. Ela começa a cair para um patamar menor justamente quando atinge os cinco principais produtos voltados para o abastecimento interno, que são o arroz, o milho, o feijão, a mandioca e o sorgo.

O milho teve um reajuste de 251,4 por cento, passando então de Cr\$ 3.700 para Cr\$ 13.000 o saco de 60 quilos. O preço básico do feijão foi reajustado em 276,4 por cento, passando de Cr\$ 14.400 para Cr\$ 54.200. O arroz de sequeiro aumentou para Cr\$ 18.000, com

um reajuste de 221,4 por cento, enquanto o arroz irrigado, também saco de 50 quilos, passou a valer Cr\$ 21.400, com um reajuste de 219 por cento, o sorgo passou de Cr\$ 3.145 para Cr\$ 11.000, com um reajuste de 249,8 por cento.

CORREÇÃO PRORROGADA

Os preços mínimos, a exemplo do que já ocorreu na safra passada, serão corrigidos pela variação das ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), até a época da comercialização. A novidade que acompanha os novos preços básicos é que a correção teve uma prorrogação para até o mês de abril. Desta forma, o milho, a soja, o arroz e o sorgo, tiveram ampliado o período de correção em mais dois meses. Antes o período de correção para estas culturas ia apenas até o mês de fevereiro. Quem planta mais no cedo e começa a colher também no cedo, vai poder contar com mais tempo para poder comercializar a sua produção, com garantia de correção automática do preço. Vale

lembrar ainda a garantia prometida e que os produtores esperam que seja cumprida pelo próximo governo, de que os produtos passarão a ter livre comercialização.

Com a perspectiva de livre comercialização é bem provável que o milho até alcance preço superior ao básico. Já para o caso da soja o preço mínimo não tem tanta importância, pois de um modo geral, os preços de mercado são sempre superiores com tendências a continuar na mesma escala no decorrer da próxima comercialização.

ABAIXO DO CUSTO

Mais uma vez os preços básicos estipulados pelo governo ficaram abaixo dos custos de produção levantados pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijui. O preço da soja para o mês de junho (válido para safra 84/85) deveria ser de Cr\$ 46.466, mas o preço básico não passou de Cr\$ 20.000, 86,96 por cento a menos. Até abril de 85, o preço da soja deveria alcançar Cr\$ 58.937 para cobrir os custos de

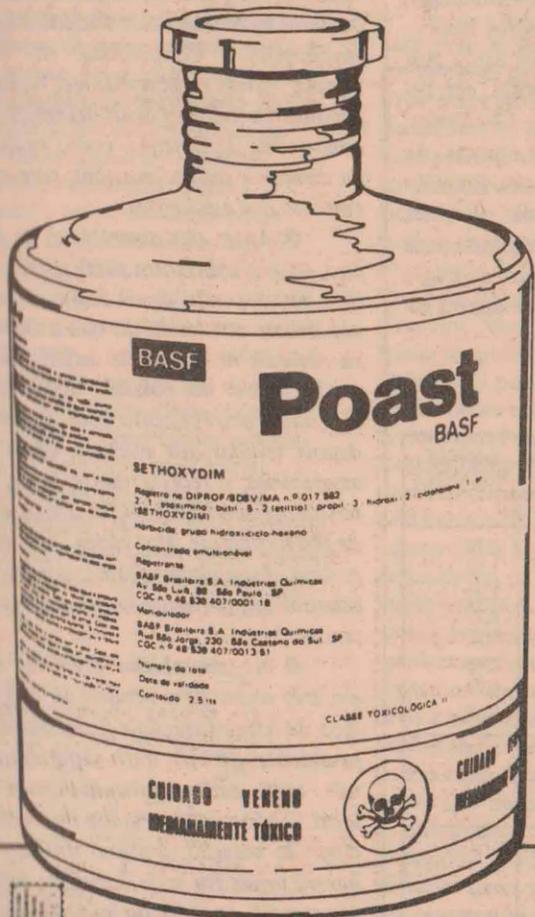
produção e ainda garantir algum lucro ao produtor. No entanto, pelas projeções de preços feitas pelo Luís Juliani, considerando uma correção da ORTN em torno de oito por cento ao mês, o preço da soja deverá girar ao redor de Cr\$ 37.000. A situação do milho não é lá muito diferente. Enquanto pelos cálculos do técnico o preço de junho (também safra 84/85) deveria ficar em Cr\$ 25.266, o governo fixou um preço básico de Cr\$ 13.000 para um saco de 60 quilos.

O Luís Juliani ainda fez uma projeção de preços mínimos para abril, considerando para efeito de cálculo uma correção da ORTN em torno de oito por cento ao mês. Assim, até abril a soja deverá alcançar um preço mínimo de Cr\$ 37.020; o milho Cr\$ 24.050; o sorgo Cr\$ 20.400, o feijão Cr\$ 73.700 (vale lembrar que o período de correção para culturas como o feijão, o amendoim e o girassol vai até o mês de dezembro); o arroz irrigado Cr\$ 39.600 e o arroz de sequeiro Cr\$ 33.300.

Preços mínimos

Produtos de interesse para as regiões de atuação da Cotrijui	Preço base safra 83/84 Cr\$	Preço base safra 84/85 Cr\$	Percentual de aumento %	Período de correção	Preço mínimo projetado
Arroz Sequeiro — 50 kg	5.600	18.000	221,4	AGO/ABR	33.300
Arroz Irrigado — 50 kg	6.709	21.400	219	AGO/ABR	39.600
Feijão — 60 kg	14.400	54.200	276,4	AGO/DEZ	73.700
Milho — 60 kg	3.700	13.000	251,4	AGO/ABR	24.050
Soja — 60 kg	4.338	20.000	361	AGO/ABR	37.020
Amendoim — 25 kg	2.800	15.000	435,7	AGO/DEZ	20.400
Sorgo — 60 kg	3.145	11.000	249,8	AGO/ABR	20.400
Girassol — 40 kg	2.987	12.000	301,7	AGO/DEZ	16.300

Fonte: Diretoria Agrotécnica



QUAL?

Esta é uma pergunta para os sojicultores que conhecem e aplicam herbicidas pós-emergentes.



Este produtor, que planta convencionalmente e acha que o fator econômico não deve ser esquecido jamais, respondeu:

— Eu uso Poast; Poast é mais econômico porque só é aplicado onde e quando as ervas daninhas nasceram. Ele seca as gramíneas, formando uma cobertura morta, que protege o solo e evita rein-festação, fazendo do mato inimigo um aliado para a cultura. Poast aumenta o rendimento por hectare e eu aumento minha lucratividade.

**Pós-Emergência
Tecnologia BASF**
uma boa
resposta

Poast
para o controle de gramíneas
Basagran
para o controle de folhas largas

BASF



A Estrutura do Poder, implantada há quatro anos, passou pelo teste do plebiscito e deixa de ser uma experiência

A opção pelo "sim"



Boa participação da mulher: 247 votos

Está aprovada a Estrutura do Poder, que a Cotrijuí vinha colocando em prática como experiência desde 1979. O sistema, que criou a figura do representante, buscando ampliar a participação do associado na vida da Cooperativa, passou pelo teste das urnas, no plebiscito do dia 21 de agosto. O "sim" obteve 86,58 por cento dos votos dos 7.417 associados que participaram da consulta. Agora, o próximo passo será a realização de uma assembléia, dia 28 de setembro, para que a Estrutura seja legalmente incorporada aos estatutos.

O plebiscito, que vinha sendo organizado nos últimos meses, pelo Departamento de Comunicação e Educação, com a ajuda dos representantes e outros setores da Cooperativa, teve uma participação que chegou a superar as previsões. Isto porque choveu muito durante a noite do dia 20 e na madrugada do dia 21, em municípios da Região Pioneira. Em outros, a chuva continuou, pela manhã, como

aconteceu na região de Tenente Portela, ou se prolongou até a tarde, como foi o caso de Dom Pedrito.

132 LOCAIS

Dos 14.108 associados que estavam aptos a votar, por terem entregue a produção à Cooperativa no último exercício, 7.417 exerceram este direito, ou seja, 52,57 por cento. Destes 7.417 associados, 6.422 disseram "sim" (86,58 por cento), e 864 (11,67 por cento) optaram pelo "não" (veja a tabela abaixo). Foram registrados 80 votos em branco e 51 votos nulos, que representaram 1,75 por cento do total de votantes.

O plebiscito movimentou associados e funcionários da Cotrijuí, durante todo o dia 21, com urnas espalhadas por mais de 130 locais, em 15 unidades da Região Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul. Os escrutínios, por município, foram realizados no mesmo dia, em cada sede, e na manhã do dia seguinte os resultados finais eram conhecidos, após a apuração geral em Ijuí. Estes números revelam que a maior participação, em termos percentuais, ficou com a Região Pioneira, com 56,88 por cento dos produtores que estavam aptos a votar.

PARTICIPAÇÃO

Por município, a maior participação também ficou com a Pioneira, com 73 por cento, em Augusto Pestana. O maior apoio à Estrutura do Poder foi manifestado pelos associados do Mato Grosso do Sul, com 96,32 por cento dos votantes dizendo "sim". Em termos de participação, foi considerada boa a presença dos associados do Mato Grosso do Sul, levando-se em conta principalmente dois fatores.

Os produtores tinham longas distâncias a percorrer, e o Departamento de Comunicação e Educação, que está sendo

reorganizado na Regional, por Geraldo Schorn, teve pouco tempo — em função dessa reorganização — para planejar o plebiscito. Foi, aliás, no MS, na unidade de Sidrolândia, que se registrou o maior índice de votos pelo "sim", em toda a área de ação da Cooperativa, com 98,75 por cento.

Mato Grosso do Sul teve uma participação de 41,81 por cento, e chegou a superar Dom Pedrito, que ficou com 32 por cento. A chuvarada, em Dom Pedrito, atrapalhou o pessoal envolvido com as urnas e os próprios associados (veja matéria ao lado). Muitas urnas foram carregadas nas costas, e um bom número de votantes andou a pé, no meio de muito barro, para chegar aos locais de votação.

MULHERES

Também a participação das mulheres foi significativa no plebiscito, pois elas puderam votar, como associadas ou representando o marido. Na Região Pioneira, houve um levantamento que mostra esta participação, com 247 mulheres que votaram nas oito unidades. Deste total, 103 são associadas, e 144 esposas de associados. A maior presença foi registrada em Augusto Pestana, com 22 associadas e 48 esposas substituindo o marido.

Em Ajuricaba, votaram 11 associadas e 12 esposas; em Ijuí 24 associadas e 33 esposas; em Chiapetta, 10 mulheres, todas elas associadas; em Coronel Bicaco, 8 associadas e 19 esposas; em Santo Augusto, 13 associadas e 7 esposas; em Tenente Portela, 13 associadas e 12 esposas; e em Jóia, 2 associadas e 13 esposas. As mulheres ainda não podem, por força da legislação, votar quando de eleições, numa cooperativa, mas demonstraram que entusiasmo e participação é o que não falta para que também este direito seja conquistado.



Branco e nulos: menos de 2 por cento

As novidades que passam aos estatutos

A assembléia marcada para 28 de setembro irá apenas cumprir com uma formalidade, para ratificação dos resultados do plebiscito. Nessa ocasião é que haverá a incorporação da Estrutura do Poder aos estatutos. A assembléia acontecerá a partir das 14 horas, na sede da Afucotri, em Ijuí, e é aberta a todos os associados. Para lembrar, com o plebiscito os associados da Cotrijuí aprovaram basicamente o seguinte:

● A manutenção da figura do representante, eleito na proporção de um para cada grupo de 150 associados, para uma gestão de três anos. Hoje, são 123 representantes que atuam como líderes de núcleos, coordenando o trabalho de base, ouvindo os associados e trazendo suas reivindicações à Cooperativa. Ao mesmo tempo, estes representantes levam aos produtores todos os assuntos relacionados com a vida da Cotrijuí, como as decisões da direção e outras questões, para esclarecimento dos associados.

● Antes das assembléias de fim de ano, os representantes participarão, como vem acontecendo desde 1979, de um amplo debate em torno do que a Cooperativa realizou no exercício anterior e analisando dados do balanço. Estas análises são feitas em conjunto com a direção, e depois levadas aos núcleos. Quando das assembléias, o representante é que irá votar, expressando a posição dos associados de sua localidade. Mas todos os associados podem, de qualquer forma, participar das assembléias, debatendo os assuntos em pauta.

● As assembléias previstas de três em três anos, para renovação dos conselhos de administração e fiscal e eleição do presidente, do vice e do superintendente, não mais serão realizadas num único local. Todos os associados poderão participar da votação, em suas unidades, pois haverá urnas em toda a área de ação. Isso acontecerá quando da eleição de março de 85, e também aí é importante a presença do representante, para mobilização do quadro social e inclusive o debate em torno da formação de chapas.

QUADRO GERAL DE PARTICIPAÇÃO NO PLEBISCITO

UNIDADES	Nº DE ASSOC.	APTOS A VOTAR	VOTARAM	% VOTANTES SOBRE APTOS	SIM	% SOBRE VOTANTES	NÃO	% SOBRE VOTANTES	BRANCOS	% SOBRE VOTANTES	NULOS	% SOBRE VOTANTES
Ijuí	4.843	3.130	1.691	54,02	1.315	77,78	340	20,10	23	1,36	13	0,76
Ajuricaba	1.433	1.173	672	57,29	526	78,29	135	20,08	2	0,29	9	1,34
Augusto Pestana	1.448	1.200	879	73,00	749	85,21	96	11,00	22	2,50	12	1,29
Jóia	932	627	259	41,30	214	82,62	41	15,84	2	0,77	2	0,77
Santo Augusto	1.853	1.091	646	59,21	592	91,64	45	6,97	9	1,39	—	—
Chiapetta	606	501	292	58,28	247	84,58	37	12,69	6	2,05	2	0,68
Coronel Bicaco	1.089	631	398	63,07	334	84,00	56	14,00	2	0,50	6	1,50
Tenente Portela	4.155	2.356	1.255	53,04	1.173	93,46	66	5,25	11	0,87	5	0,39
TOTAL PIONEIRA	16.359	10.709	6.092	56,88	5.150	84,59	816	13,40	77	1,36	49	0,65
Dom Pedrito	2.109	1.060	347	32,00	330	95,20	16	4,61	1	0,19	—	—
Maracajú	1.180	425	241	56,70	233	96,68	8	3,32	—	—	—	—
Sidrolândia	316	225	80	36,20	79	98,75	1	1,25	—	—	—	—
Rio Brillhante	541	360	127	35,27	123	96,85	4	3,15	—	—	—	—
Dourados	1.524	1.176	465	39,64	446	95,91	17	3,65	1	0,22	1	0,22
Bonito	180	153	65	42,50	61	93,87	2	3,07	1	1,53	1	1,53
TOTAL MS	3.741	2.339	978	41,81	942	96,32	32	3,28	2	0,20	2	0,20
TOTAL GERAL	22.209	14.108	7.417	52,57	6.422	86,58	864	11,67	80	1,07	51	0,68



Muito atoleiro e vontade de votar



Resultado da votação será ratificado em assembléia, dia 28 de setembro

Não fosse a chuva, e o plebiscito na Regional de Dom Pedrito poderia ter um número bem mais expressivo de votantes. Esta é a opinião unânime dos funcionários da Cotrijuí que trabalharam nas diversas mesas eleitorais espalhadas pela cidade e pelo interior do município. Muita gente deixou de votar, principalmente no interior, onde as estradas ficaram intransitáveis. No Bolicho da Pedra e em Vacaiquã, os mesários não conseguiram chegar ao local onde aconteceria a votação. O

carro em que estavam atolou e precisou ser puxado por um trator por mais de três quilômetros de estrada.

Nos demais postos espalhados pela campanha, o pessoal foi, mas chegou lá a muito custo. "Atolamos várias vezes, e minhas botas ficaram num estado lamentável", comentava, já de pés descalços, no fim da tarde, o mesário Dirceu da Cunha, que comandou a aventura de chegar às oito da manhã à localidade da Sucessão dos Moraes, no Ponche Verde.

DEVER

Não só o pessoal que trabalhou na realização do plebiscito teve problemas, para que ele se realizasse com êxito na Regional de Dom Pedrito. Muito associado que fez questão de marcar sua participação, também enfrentou dificuldades. Foi o caso do seu Rubens de Almeida, que atravessou um barral a pé, para dar o seu voto. "Estou todo embarrado, mas vim cumprir meu dever como associado", declarou ele ao mesário que atendia o distrito de Ponche Verde, onde seu Rubens votou.

Mesmo com todos estes percalços, a missão foi cumprida, e às 18 horas, quando todos os postos haviam encerrado a votação, 328 dos 1.060 associados aptos a votar na Regional de Dom Pedrito, havia feito a sua escolha. A grande maioria (95 por cento) se decidiu pela manutenção da Estrutura do Poder.

Não foi surpresa para ninguém, na Regional Dom Pedrito, o fato do plebiscito ter apresentado uma maioria esmagadora de votos pelo "sim". E a explicação, para esta expressiva votação favorável, foi dada pelo diretor da Regional, Tânio Bandeira:

— Aqui os nossos associados já haviam adquirido uma conscientização de

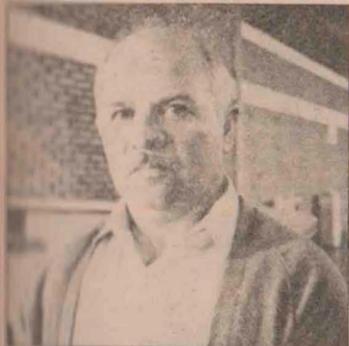
que os representantes significam uma maior participação dos mesmos na vida da Cooperativa. E isto ficou mais do que provado pelos resultados.

SOLIDARIEDADE

A direção da Regional entende que, apesar do grande número de abstenções (mais de 60 por cento), os resultados foram positivos. "Devemos levar em consideração em primeiro lugar o clima instável que nos levou uns bons 100 votos", declarou Tânio Bandeira. Ele lembrou ainda que o hábito de se tomar decisões através de votação não é no geral muito exercitado: "Por tudo isto, acho que os resultados do plebiscito podem ser considerados excelentes".

Também na Região Pioneira, especialmente nos municípios onde choveu no dia 21 pela manhã, o pessoal passou trabalho. Em Coronel Bicaco, o técnico agrícola Valdomiro Dallabrida teve de carregar a urna nas costas, num bom trecho, depois de ver o carro atolado. No Mato Grosso do Sul, a solidariedade se manifestou, durante o plebiscito, facilitando a votação. Muitos produtores que possuem automóveis "puxaram" outros associados que teriam de andar a pé, percorrendo longas distâncias.

Representação deverá ser aperfeiçoada



Paulino Stralio, proprietário de 2.050 hectares, e representante por Sidrolândia, Mato Grosso do Sul: "Acho que o trabalho do representante deverá melhorar a partir de agora. É ele quem consulta as bases e leva as posições do associado até a direção, ao mesmo tempo levando informações da diretoria aos produtores. Com a aprovação da Estrutura do Poder, o associado deve também cobrar mais do representante.

Eu me lembro que, no início, nós cobrávamos o atendimento das nossas reivindicações, e os representantes sempre dizem que não eram atendidos pela direção. Na minha gestão, eu sinto que a situação melhorou, que já somos mais ouvidos. O desconto da cota-capital, por exemplo, era de 3 por cento, e caiu para 2 por cento, este ano, porque nós solicitamos.

Quanto à eleição do Conselho de Administração e escolha dos demais integrantes da diretoria, entendo que este é um assunto para ser muito estudado, muito planejado. E os representantes podem participar do trabalho de esclarecimento, e se possível contribuindo para a formação de chapas".



Leandro Fonseca Mena, possui 27 hectares na localidade de Bolicho da Pedra, Dom Pedrito: "O representante abre a possibilidade do produtor ter voz ativa na Cooperativa. Mesmo que os representantes ainda não estejam agindo de maneira ideal, já é um bom começo. E eu acredito que, com o tempo, este tipo de relacionamento entre Cooperativa, representante e associado só tende a melhorar.

Para participar mais, acho que a gente começa votando. O problema é que ainda falta muito esclarecimento. E quando a gente é convocado para participar, normalmente o assunto já é trazido pronto. Temos que decidir apenas se concordamos ou não. Fica difícil, porque muitas vezes não há tempo para se ter uma opinião formada sobre o assunto.

Acho que as reuniões deveriam acontecer com maior frequência, sem que os assuntos venham sempre prontos. O que deveria existir é mais discussão. Mas o representante é importante, e eu votei pelo "sim", porque sem eles a Cooperativa seria mais uma empresa qualquer. O associado fica com mais poder de decisão. Se ele não está usando este poder, é outro problema".



Jaime Wender, proprietário de 50 hectares em Parador, Ijuí: "O meu voto foi para o "sim". Não poderia votar "não", se durante todo o processo de discussão da estrutura do poder não apresentei uma outra proposta que competisse com a da Cotrijuí ou que servisse para melhorar o trabalho que vinha sendo realizado.

A respeito do representante, acho que ele deve ser uma pessoa muito bem selecionada, interessada e ainda por cima cooperativista, pois todo o sucesso da proposta de representatividade que está sendo aprovada, vai depender do trabalho do representante nas bases, junto com os associados. Além de ser o porta-voz dos associados junto à direção, ele terá de discutir os problemas levantados, e de comum acordo com a direção encontrar as soluções que melhor agradem ao quadro social.

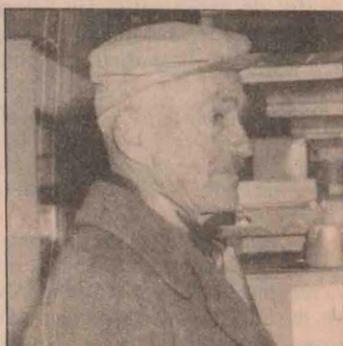
A intenção é muito boa, mas para que dê certo o trabalho junto às bases, não pode falhar. Quanto à eleição da direção, estou de acordo com o voto secreto, pois só assim o associado tem mais liberdade de escolher o seu candidato e votar naquele que achar mais competente".



Oscar Hoerle, dono de 72 hectares em Esquina, Gaúcha, Augusto Pestana, e representante eleito por três vezes: "A experiência da Estrutura do Poder foi válida, e agora, oficializada, deverá ter aperfeiçoamentos com a prática, pois esta é que nos ensina a buscar sempre o melhor. Quando os representantes iniciaram seu trabalho, poucos tinham noção de como funcionaria o sistema. Hoje a situação é diferente.

Agora, por exemplo, 90 por cento dos associados pouco sabem a respeito do desmembramento, e caberá ao representante evitar que o produtor dê parecer sobre um assunto que ele desconheça. O representante é quase um vereador. É questionado sobre qualquer problema da Cooperativa, e tem que ter sempre uma resposta.

Somente através das assembléias, pouco se ficará sabendo da vida da Cooperativa, e por isso a Estrutura do Poder é importante. O trabalho nos núcleos é assim decisivo. Sobre as eleições, vale lembrar que de 79 para cá todos os conselheiros surgiram das bases, em função do trabalho do representante, e isso deve novamente acontecer no próximo ano. O voto secreto vai estimular uma maior participação".



Dezé Saraiva do Amaral, proprietário de 400 hectares em Ponche Verde, Dom Pedrito, votou no "sim": "O mais importante para nós é que exista alguém capaz de nos representar nas decisões que são tomadas na Cooperativa. Hoje, é impossível de ouvir todo mundo na hora de decidir, e aí é que entra a figura do representante. Mesmo assim, entendo que o representante deveria realizar mais reuniões nos núcleos.

Acho que ainda falta muita informação para o produtor, e produtor sem informação acaba nem indo às reuniões, pois fica com vergonha. Sei que este é um problema difícil de se resolver, porque se ele não vai às reuniões, não se informa. Mas se não se informa, fica com vergonha de ir às reuniões. Acho que poderia se pensar na idéia do representante ir na própria casa do associado, para explicar o que acontece na cooperativa.

Isso poderia acontecer uma vez por mês, quem sabe. Se os representantes fizessem isso por uns tempos, depois o próprio associado se interessaria, procurando ele mesmo se informar e participar. O certo é que esta maior aproximação tem que começar por algum lado, e a iniciativa pode ser do representante".

Basta o veneno das lavouras

Inseticida proibido na agricultura agora é aplicado dentro de casa

A Sucam — Superintendência de Campanhas do Ministério da Saúde, talvez seja obrigada a escolher outra freguesia para despachar seus estoques de BHC. Este veneno, usado no combate ao barbeiro, inseto transmissor da Doença de Chagas, seria aplicado em residências da cidade e do interior, em Ijuí e outros municípios próximos. Mas a reação de produtores alertados por várias entidades frustrou os planos do órgão. Mais do que isto: mostrou que o agricultor está cada vez mais disposto a questionar o uso indiscriminado de venenos.

A Sucam andou pesquisando a incidência do barbeiro em Ijuí e outros municípios, e descobriu que alguns insetos estavam contaminados e poderiam transmitir a doença. Em agosto, mandou equipes à região, disposta a iniciar a aplicação do tal BHC, um clorado altamente tóxico, que anos atrás era conhecido como pó-de-gafanhoto. Por causa de meia dúzia de barbeiros contaminados, a Sucam iria deixar espalhadas, só em Ijuí, 10 toneladas de pó, aplicadas por pulverização em residências da cidade e do interior.

REAÇÃO

No dia 17 de agosto, na Câmara de Vereadores, foi iniciada a reação contra o uso do veneno. Mais de 200 agricultores se reuniram para discutir o assunto, num encontro que teve a participação de dirigentes de várias entidades, lideradas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Associação dos Engenheiros Agrônomos do município. "Não estamos incitando ninguém contra órgãos públicos. Estamos, isto sim, incitando a população ao bom senso", disse o presidente da associação, Oli Fernando Soares da Costa, que coordenou os trabalhos.

A reunião foi tensa, pois estavam presentes o diretor da Sucam no Estado, o médico sanitário Antônio Alves Pereira da Silva, e dois técnicos do órgão. Se-



Debate com o pessoal da Sucam foi bastante tenso



Silva: BHC é inofensivo

pelo BHC, usado em campanhas contra o barbeiro, no Brasil, desde 1950. O coordenador da campanha no Rio Grande do Sul, o veterinário Demarino Rosalino, repetiu a mesma coisa, e o médico Adalberto Mendes de Oliveira, chefe da seção de epidemiologia da Sucam, também reafirmou o que o sanitário havia dito.

COMPARAÇÃO

"Um doente que tome um remédio em doses acima das recomendadas também terá problemas", disse Oliveira, para

lembrar que, segundo ele, as pesquisas exageraram nas doses maciças de venenos usadas em ratos que acabam morrendo com tumores. Na mesma reunião, os técnicos foram contestados, como aconteceu quando do depoimento de Nardo Bertuol, da Comissão de Defesa do Meio Ambiente de Santo Ângelo. Segundo ele, está provado que o BHC já provocou mortes. "Mas este órgão se julga dono da verdade", disse Bertuol.

Técnicos, políticos, médicos e outros profissionais presentes, além dos próprios agricultores, questionaram o pessoal da Sucam sobre a não-utilização de outros venenos menos tóxicos, como a Deltrametrina (veja abaixo). Ouviram explicações vagas, que não convenceram. Eles também não foram convencidos sobre a necessidade do uso maciço do BHC, quando se sabe que não chegam a 10 os barbeiros infectados em Ijuí.

O diretor da Sucam não se mostrou entusiasmado com um apelo para que suspendesse a aplicação do BHC, e ali mesmo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Carlos Karlinski, apresentou — em nome também das outras entidades — uma proposta para que fosse encaminhado mandado de segurança à Justiça, impedindo o uso do produto na região. A proposta foi aprovada pelos agricultores, e logo depois o mesmo Antonio Alves da Silva revisava sua posição, após ouvir mais uma vez o pedido, feito pelo vice-prefeito Valdir Heck. A campanha foi suspensa, até segunda ordem. Resta esperar.

A DOENÇA

A Doença de Chagas é de fato uma ameaça, como admitiram os participantes da reunião, e os métodos usados pela Sucam é que são discutíveis. A doença transmitida pelo feitiço ataca o coração ou os órgãos do aparelho digestivo, e pode levar à morte. Em Ijuí, há algumas pessoas com a moléstia, mas que foram picadas pelo barbeiro em outros Estados. O cardiologista Rubem Ledur lembrou, no entanto, que o Hospital de Caridade realizou, a partir de um ano e meio atrás, 1.530 exames com doadores de sangue, e apurou que 27 pessoas apresentavam sinais de que poderiam ser portadoras da doença.

A comprovação, de que são realmente doentes, só seria dada por exames complementares, que não foram feitos. Aliás, a própria Sucam não se preocupa em saber se há pessoas atacadas, nas áreas onde foi constatada a existência de barbeiros infectados. Além disso, o BHC apenas combate o inseto, e não suas larvas. No final, a pergunta que ficou foi esta: os benefícios da campanha seriam mesmo maiores que os problemas que causaria?

O diretor da Sucam não se mostrou entusiasmado com um apelo para que suspendesse a aplicação do BHC, e ali mesmo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Carlos Karlinski, apresentou — em nome também das outras entidades — uma proposta para que fosse encaminhado mandado de segurança à Justiça, impedindo o uso do produto na região. A proposta foi aprovada pelos agricultores, e logo depois o mesmo Antonio Alves da Silva revisava sua posição, após ouvir mais uma vez o pedido, feito pelo vice-prefeito Valdir Heck. A campanha foi suspensa, até segunda ordem. Resta esperar.

Quem não se lembra do Gamerial?

Muita gente, na Região Pioneira, ainda se lembra do tempo em que o Gamerial era usado para combater piolhos, percevejos e gafanhotos, nas décadas de 50 e 60. Pois o Gamerial era o nome comercial do tal de BHC, e ainda hoje este pó existe em antigos estoques de bolichos do interior. Naquele tempo, ninguém suspeitava dos perigos deste veneno, apesar do seu forte cheiro. Hoje, o pó-de-gafanhoto somente pode ser usado em campanhas como esta da Sucam, contra o barbeiro, conforme uma lei estadual, existente desde 1978.

Há mais de 20 anos, o Gamerial era aplicado dentro de casa, em galpões e na lavoura na sua forma original, ou seja, em pó, sem ser diluído em água, como faz a Sucam. Há agricultores que relembram este tempo, contando que o BHC era usado na lavoura para acabar com ovos de gafanhotos. Só que todo o produto plantado na área ficava com o gosto do veneno. Isso era notado principalmente nas plantações de batatinha, mas ninguém ia adivinhar que, muitos anos depois, o BHC seria acusado de causar câncer.

INDÍCIOS

Segundo o toxicologista Claude Ivan Goellner, da Universidade Federal de Passo Fundo, há indícios de que o veneno provoca de fato o surgimento da doença,

mas as provas não seriam ainda suficientes para condenar o produto. Outras evidências indicam que ele causaria também a chamada anemia plástica, que reduz a resistência do organismo humano às doenças. E provoca ainda lesões no fígado, nos rins e no sistema nervoso.

Por tudo isso, há uns 10 anos o BHC não é usado nos Estados Unidos, seu país de origem. Aliás, muitos venenos produzidos nos EUA, e que lá são proibidos há bastante tempo, foram consumidos nas últimas décadas no Brasil. É o caso do DDT, também lembrado pelo toxicologista. Só que as últimas informações sobre o DDT, tão usado na agricultura, são meio que favoráveis ao produto. Hoje, segundo Goellner, são contestadas as pesquisas que apontavam o agrotóxico como causador do câncer.

A verdade é que os países mais pobres ou em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, pouco pesquisam em torno da novidade destes produtos químicos. O BHC, por exemplo, pode ter efeito residual por um período de até 30 anos. Isso quer dizer que muito tempo depois uma pessoa pode vir a sofrer as conseqüências de ter lidado com o veneno. Mas como irá se provar que foi, afinal, o pó-de-gafanhoto o causador de uma doença, tantos anos depois?

OPÇÃO

O melhor seria optar por produtos menos tóxicos, que são comprovadamente tão eficientes como o BHC e causam menos problemas ao homem. Goellner cita a Deltrametrina, da linha dos chamados piretróides. A própria Sucam vem utilizando este produto, em Minas Gerais, como experiência, mas até agora não substituiu o BHC pela Deltrametrina em outros Estados. O argumento é o de que não está ainda comprovada a eficiência do produto, já que a área atingida é pequena.

Este piretróide é um inseticida que tem a vantagem de não provocar efeitos residuais no homem. Em compensação mantém por mais tempo o efeito contra o barbeiro, por até dois anos, enquanto que o BHC age durante 90 dias. A Sucam admite estas vantagens, mas diz que a Deltrametrina custa mais caro, sem levar em conta a maior eficiência, que no fim faz com que esta opção termine sendo mais barata que o BHC.

MULTA

A novidade do BHC é reconhecida até mesmo pelo Ministério da Saúde, conforme consta de um manual do órgão, mostrado na reunião em Ijuí pelo promotor público Juarez Gonçalves. Foi o promotor também quem lembrou que o veneno e todos os outros clorados são proi-



Claude: BHC é proibido nos EUA.

bidos no Rio Grande do Sul, por lei em vigor desde o governo Amaral de Souza. Esta mesma lei, de 1978, abre uma exceção, permitindo a aplicação do inseticida nas campanhas contra o barbeiro.

Juarez Gonçalves esclareceu ainda que ninguém pode tentar impedir a execução de uma campanha de saúde pública. Isso quer dizer que, conforme a lei, a Sucam pode aplicar o veneno onde bem entender. A pena, para quem tentar impedir a aplicação, é uma multa, cujo valor não foi revelado. Mas é claro que, se não pode proibir por própria conta o uso do BHC, qualquer pessoa tem o direito de recorrer à Justiça, na tentativa de fazer valer seu ponto de vista.

Lei vem tarde

E favorece as múltis, segundo ecologistas

O que faz com que seja tão difícil de se conseguir a proibição de um produto nocivo à saúde, e que pode ser substituído por outro menos perigoso? A resposta deve estar na ponta da língua de muitos produtores. Os interesses econômicos são muitos, e funcionam como no caso do BHC. Como ficaria a indústria fabricante do veneno, se o governo decidisse suspender a compra deste clorado? São estes interesses que estão de novo em jogo, quando se discute a nova legislação para defensivos agrícolas no país, que controlará a fabricação, a comercialização e o uso de inseticidas, herbicidas e outros produtos.

A legislação que até hoje controla esta área é baseada num decreto de 1934. As leis nunca foram muito alteradas, de lá para cá, em função exatamente do poder das multinacionais do setor. Afinal, o mercado brasileiro deverá proporcionar a estas indústrias uma renda de 700 milhões de dólares, algo ao redor de 1 trilhão e 400 bilhões de cruzeiros. Com tantas facilidades para fabricar e vender seus venenos, as múltis transformaram o Brasil no quinto maior consumidor de defensivos do mundo.

APLAUSOS

O anteprojeto da nova lei deve ser enviado ao Congresso agora, em setembro, depois de levado ao conhecimento de vários órgãos e entidades, e de sofrer muitas modificações. O trabalho é considerado polêmico, e — para surpresa de muitos — tem o aplauso dos fabricantes de venenos. Acontece que, com esta lei federal, ficará praticamente centralizada em Brasília toda a fiscalização, anulando-se assim

muitos aspectos importantes das legislações em vigor em 11 Estados.

Nesses Estados, enquanto o governo federal nada fazia para controlar a área dos defensivos, foram implantadas leis que não agradam as indústrias. É fácil de se entender. Até agora, as fábricas tinham o mercado livre, e faziam o que bem entendiam para vender agrotóxicos. Não havia punições, e quem terminava como vítima de tudo isso era o agricultor. Quantas mortes aconteceram no país, em consequência dessa impunidade?

"ABSURDOS"

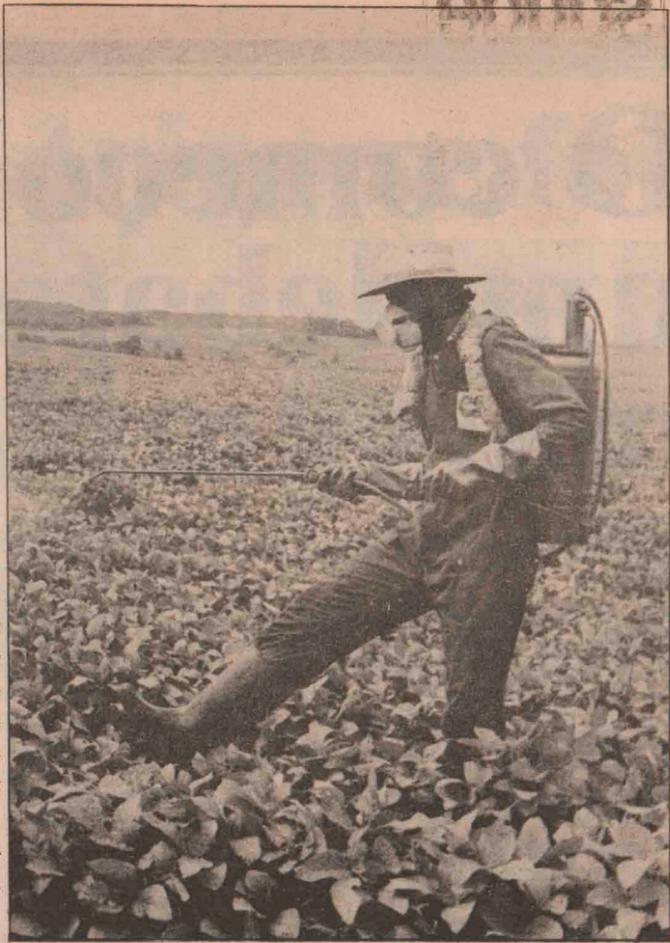
De acordo com a lei que será votada pelo Congresso, os Ministérios da Agricultura, da Saúde, do Interior e da Indústria e Comércio irão exercer o controle sobre os defensivos. Os Estados ficariam com a tarefa de implantar leis complementares, desde que estas não venham ferir normas da legislação federal. A questão, segundo os ecologistas, é saber até onde os Estados poderão legislar. Mas é certo que muito do que já existe, nas leis estaduais, deverá desaparecer.

Só no Rio Grande do Sul, as indústrias já sofreram multas de mais de 2 bilhões e meio de cruzeiros, por desrespeitarem a legislação. Isso desgosta os fabricantes, que aplaudem a iniciativa federal. Marcus Romano Peçanha, presidente da Associação Nacional de Defensivos Agrícolas (Andef), cita como exemplo dos "absurdos" da legislação que vem sendo cumprida em alguns Estados, o fato de que as indústrias têm que revelar especificações técnicas sobre os produtos.

PROCESSO

Estes detalhes, relacionados com os agentes químicos, fórmulas e outras in-

Equipamentos apenas amenizam os efeitos de venenos que já deveriam estar proibidos



formações, são — segundo Peçanha — segredo industrial. Só que, sem estes dados dificilmente os Estados poderão registrar um produto cujos componentes são desconhecidos. Por causa disto e de outras normas que consideram antipáticas, os fabricantes entraram na Justiça, contra o governo do Rio Grande do Sul. O processo foi parar no Supremo Tribunal Federal, em Brasília, e ainda não recebeu uma sentença.

A nova lei federal não traz novidades, em relação às legislações estaduais, e

é interpretada como uma tentativa do governo de reduzir a importância dessas normas em vigor nos Estados, unificando critérios. E é exatamente aí que reside a principal preocupação dos técnicos e ecologistas, mesmo porque o anteprojeto prevê um controle bem mais brando sobre a fabricação e a comercialização dos defensivos. Mas até a votação da matéria, por senadores e deputados, muito pode acontecer, pois será possível introduzir emendas. Não se sabe, contudo, se quem está na outra ponta de toda esta história, o agricultor, terá algum benefício.



Édio: ninguém faz qualquer recomendação

Paredes ficam brancas de pó

Édio Wunder, agricultor de família de Augusto Pestana, planta na localidade de Carovi, em Santiago, onde os aplicadores de veneno andaram pelo final de julho. Ele é quem conta: "A aplicação foi feita num galpão e num puxado de madeira, onde nós (três pessoas) dormimos. As paredes ficaram brancas, e de inseto, desde as moscas até as baratas, não sobrou nada. Depois, eles enterraram os resíduos do veneno. Os aplicadores usavam máscaras, mas não disseram a ninguém que se tomasse algum cuidado depois da aplicação. O cheiro era forte, mas nós dormimos no puxado, na mesma noite, e eu senti dor de cabeça, porque já me intoxiquei com agrotóxico. Eu não sabia que se tratava do BHC, e estranhei a aplicação porque no local não havia sido encontrado nenhum barbeiro. Até hoje (um mês depois) o cheiro é bastante forte".

Guardas fogem da imprensa



Os guardas, bastante desconfiados, desapareceram da região no final de agosto

"No Norte, tem cidade onde o pessoal reclama se a gente faz aplicação numa casa e na outra não. Aqui é diferente" A observação, em tom de queixa, foi feita na tarde do dia 21 de agosto por um dos guardas sanitários enviados pela Sucam à região para aplicar o BHC. Ele integrava uma equipe de seis guardas fardados, que saíram de uma madeireira, bem na divisa entre Ijuí e Augusto Pestana, utilizando uma camioneta Chevrolet branca, da Sucam, lotada com equipamentos para pulverização e boa quantidade de pó-de-gafanhoto.

Os seis funcionários ficaram bastante inquietos, quando se viram diante da

reportagem do Cotrijornal, que por acaso passava pelo local. Tentaram esconder o rosto, viraram as costas e fugiram de fotografias. Depois, exigiram identificação do repórter e anotaram seu nome numa planilha. Para que tantos cuidados? Onde iriam os guardas com uma camioneta equipada?

MALATHION

Segundo eles, a turma estava acampada na madeireira, e a camioneta seria levada a Augusto Pestana, onde ficaria "guardada" até a liberação do uso do BHC. O mesmo guarda que lembrou o exemplo das cidades do Norte, onde o ve-

veno seria aplicado sem problemas, admitiu que trabalha há mais de um ano para a Sucam, sem usar máscaras ou outros equipamentos contra o gás exalado pelo produto. "Eu nunca me intoxiquei", garantiu ele.

"O BHC não causa problemas. O pior é o Malathion, que está sendo usado em Santa Rosa", disse o rapaz, garantindo que, neste caso, os aplicadores utilizam máscaras. O Malathion é um fosforado, que não deixa efeitos residuais, como o BHC, e por isso seria menos nocivo que os demais venenos clorados. Mas tem uma desvantagem: causa mais intoxicações agudas, ou seja, no momento da aplicação ou logo após seu uso.

VIETNAM

Os guardas que se espantaram diante da imprensa devem ter, todos eles, pouco mais de 20 anos de idade. Não são, portanto, gente que trabalhe há muito tempo com o BHC. Cumprindo ordens, como se diz nestes casos, eles sempre irão é claro, até por ingenuidade, afirmar que o veneno não causa mal à saúde de quem o aplica, com raras exceções.

Isso é comum, e aconteceu até no Vietnã, quando pilotos americanos bombardeavam, por avião, extensas áreas com o tal "agente laranja", não para combater uma praga ou uma doença, mas para tentar vencer uma guerra. Hoje, muitos destes pilotos têm distúrbios nervosos provocados pelo veneno e vivem de pensões pagas pelos fabricantes do produto. Na época, se dizia que o "agente laranja" causaria problemas apenas aos vietnamitas, e não aos americanos, que lidavam com o tóxico.

O começo de um debate mais amplo

Lideranças decidem levar proposta aos núcleos

Depois do plebiscito sobre a Estrutura do Poder, um novo assunto vai ocupar um bom tempo dos associados da Cotrijuí. O desmembramento das regionais Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul, que começou a ser debatido no ano passado, é agora uma questão que deve merecer prioridade, pois vai se iniciar de fato o debate nas bases. Isso ficou acertado num encontro realizado dia 30 de agosto, em Campo Grande, com a participação de 215 representantes e conselheiros das três regionais e dirigentes da Cooperativa.

O encontro, na sede campestre da Associação Comercial e Industrial de Campo Grande, foi o primeiro a reunir os representantes das três regiões para discutir o assunto. E foi também a 13ª reunião para debate dessa proposta do Conselho de Administração. Outras 12 já haviam sido realizadas, principalmente para análise dos números que revelam a situação de cada regional e da Cotrijuí como um todo, e que se relacionam com os balanços anuais, os investimentos, os compromissos financeiros e outros dados.

ANIMADOS

Os representantes da Pioneira e de Dom Pedrito chegaram ao Mato Grosso

do Sul no dia 28, em três ônibus. Antes da reunião do dia 30, eles visitaram unidades da Cotrijuí em Rio Brillante, Dourados, Maracaju e Sidrolândia, e conheceram também a sede da Regional, em Campo Grande. O programa foi puxado, mas o cansaço não tirou o ânimo das lideranças quando do encontro, realizado durante a manhã e até o final da tarde.

O encontro foi aberto pelo vice-presidente Arnaldo Drews, que fez um relato dos motivos que levaram à proposta de desmembramento, já debatidos em reuniões anteriores. Ele relembrou aspectos referentes, por exemplo, ao crescimento da cooperativa, e ressaltou que não só a Cotrijuí, mas "todo o sistema cooperativista deve passar por reformulações". Drews observou ainda que, se não ocorrer o desmembramento, deverão ser adotadas pelo menos algumas mudanças na estrutura administrativa.

REALIDADE

Outro aspecto salientado foi o de que as dívidas existentes até o desmembramento serão, de qualquer forma, de responsabilidade de toda a Cotrijuí. Havia dúvidas entre os produtores, quanto a este detalhe, mas Drews salientou que "mesmo desmembrando, todas as regio-



Mais de 200 líderes estiveram em C. Grande



Arnaldo: mudanças em todo o sistema

nais são responsáveis pelos compromissos". Depois dos trabalhos em grupo (veja abaixo), ele voltou a falar sobre a alternativa, representada pela volta das regionais à sua condição de cooperativas singulares, e enfatizou:

— Não estamos, com isso, arrependidos diante das incorporações que aconteceram. A verdade é que a realidade hoje é outra, e exige novas mudanças.

Respondendo a indagações, Drews disse que esta proposta é defendida, sem restrições, pela direção eleita, admitindo que existem no entanto, como seria de se esperar, posições diferentes entre dirigentes contratados. Ao final do encontro, o vice-presidente afirmou: "Esta foi uma das melhores reuniões já realizadas na Cotrijuí. Hoje podemos constatar que a Estrutura do Poder, que permite essa participação em torno do futuro da Cooperativa, está consagrada".

CONFIANÇA

Também falaram aos representantes e conselheiros; o diretor administrativo e financeiro, Osvaldo Meotti, que mais uma vez mostrou os números sobre a situação de cada regional e o diretor da regional do MS, Nedy Borges. Ele comentou a atuação da Cooperativa no Estado, ressaltan-

do principalmente que a postura do associado indica uma clara recuperação da confiança que a Cotrijuí transmite aos produtores.

O último a falar foi o diretor de Comunicação, Educação e Recursos Humanos, Rui Polidoro Pinto, que coordenou o encontro. Polidoro abordou aspectos legais do desmembramento, que deve ser decidido em assembleia geral. Caso a decisão seja tomada, haverá a formação de comissões, por regional, para encaminhamento destes aspectos de ordem legal e posterior criação das cooperativas singulares. A assembleia pode ser convocada por iniciativa de uma das regionais, e a decisão dos associados será por voto secreto, em plebiscito, como aconteceu no caso da Estrutura do Poder.

Nos grupos, as sugestões

Os 215 participantes do encontro em Campo Grande foram divididos em 11 grupos, para a elaboração de propostas, com base em três itens apresentados: 1) possíveis mudanças na Cotrijuí, considerando-se o atual momento da Cooperativa; 2) como encaminhar estas propostas e como levá-las aos associados; e 3) sugestões gerais. Os grupos trabalharam por mais de uma hora, pela manhã e à tarde as conclusões foram relatadas e debatidas. Ficou evidente que o desmembramento é assunto complexo e permite as mais variadas análises.

Mesmo assim, está decidido que, contando com o trabalho dos representantes, a proposta deve ser levada às bases, já a partir de agora. Ao mesmo tempo, uma comissão de nove membros, com três associados de cada regional, que devem ser escolhidos pelos produtores até o final de setembro, irá estudar esta e outras alternativas, conforme foi aprovado no encontro. São várias as opções levantadas pelas lideranças, mas o certo é que a maioria destas saídas considera o desmembramento como coisa viável. As discordâncias ficam apenas nos detalhes.

QUANDO E COMO?

Dos 11 grupos, seis apontaram o desmembramento como alternativa válida sem estabelecer prazos ou questionar aspectos da atual situação da Cotrijuí. Três grupos também apontaram o desmembramento como possível medida a ser adotada, mas depois de se encontrar solução para as dívidas da Cooperativa. Um grupo propôs o desmembramento por Estado, ou seja, com as regiões Pioneira e de Dom Pedrito permanecendo unidas, separando apenas o Mato Grosso do Sul. E o último



Cada um dos grupos teve representantes da Pioneira, do MS e de Dom Pedrito

grupo não falou em desmembramento, mas sim em prováveis "reformas administrativas".

Outros dados interessantes revelados pelos grupos se referem à criação ou não da Central, que prestaria serviços às cooperativas singulares após o desmembramento. Cinco grupos se definiram pelo desmembramento com a criação dessa central. Dois grupos entenderam que a central não é necessária; três não se manifestaram sobre criação ou não da Central; e um também ignorou a questão, por não considerar a própria hipótese do desmembramento.

REFORMAS

Alguns grupos chegaram a entrar em detalhes sobre as reformas administrativas que poderiam substituir o des-

membramento. Essas sugestões também serão analisadas pela comissão de nove membros. O mais importante, contudo, é que 10 dos 11 grupos defenderam a necessidade de se levar às bases a discussão em torno do desmembramento, se possível com a análise dos números apresentados sobre as regionais e uma avaliação em torno da situação geral da Cotrijuí.

Os grupos apresentaram ainda outras sugestões, como uma "solução política" para que a Cooperativa consiga os ajustes financeiros necessários; a renovação de dirigentes; contenção de despesas e desmobilizações (venda de áreas ociosas); redefinição de critérios para admissão de novos associados; remuneração dos conselheiros de Administração, que

dariam expediente em tempo integral; e a criação, após o desmembramento, de uma central não só prestadora de serviços, mas também com postura política.

ASSUNTOS GERAIS

Nas questões gerais surgiram as mais variadas sugestões. Vale lembrar que os grupos foram mistos, ou seja, formados por representantes das três regionais. Isso permitiu a análise de cada assunto a partir do ponto de vista de associados de regiões diferentes, e serviu para integrar ainda mais o pessoal. Abaixo, algumas as sugestões incluídas entre os assuntos gerais:

- Valorização do bom associado e dos conselhos de produtores. Eliminar do quadro social o associado que não entrega a produção à Cooperativa. Ao mesmo tempo, levantar as causas da não entrega da produção por parte destes associados.

- Estudos sobre comercialização. No Mato Grosso do Sul, há compradores adquirindo a soja da próxima safra, com pagamento de adiantamentos. Realização de seminários com produtores.

- Estudar alternativas na área técnica. Levantar custos sobre assistência técnica. Investir em recursos humanos. Realizar pesquisas na área de sementes.

- A renovação de lideranças é necessária, mas deve ser evitada a troca apressada de dirigentes na Cooperativa, "para que os cargos não sejam assumidos por inexperientes". Incentivar o intercâmbio técnico e cultural entre as regionais, mesmo que aconteça o desmembramento para que os produtores dos dois Estados mantenham a convivência.

Geada, de novo. E o trigo se foi

Quebra pode ficar entre 60 e 70 por cento

O trigo estava bonito, e já havia muita gente arrependida por não ter plantado este ano. Só que mais uma vez a geada levou a lavoura, e não será muito o que deverá sobrar da safra no Estado e na Região Pioneira da Cotrijuí. A formação de geada aconteceu nos dias 25, 26 e 27 de agosto, quando 70 por cento da lavoura estava em emborrachamento (início da formação do cacho), em floração ou no começo da granação, que são estágios críticos. A quebra pode ficar, na Pioneira, entre 60 e 70 por cento.

Um levantamento feito pela Diretoria Agrotécnica mostra que os restantes 30 por cento, de uma área total de 70.500 hectares da Pioneira, estavam em fase de crescimento. Destes 30 por cento, uns 20 por cento podem ter escapado sem prejuízos, pois são as lavouras do tarde, muitas delas formadas na segunda quinzena de junho após atraso na semeadura, provocado na época pelo excesso de chuvas. Assim, um problema na hora do plantio acabou beneficiando agora muita gente.

400 QUILOS

As variedades que deverão ter os maiores prejuízos, segundo o tecnólogo Ênio Facco, que realizou o levantamento, são Maringá, BR-4 e BR-5, plantadas no cedo. Só o Maringá ocupou 55 por cento da lavoura na Região Pioneira. A

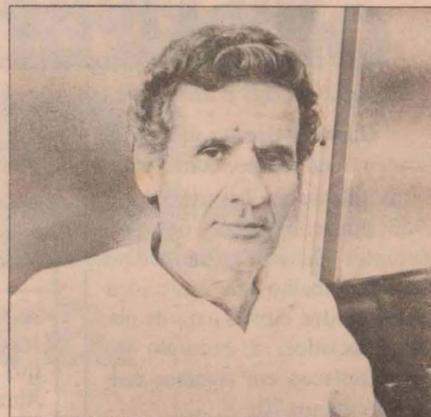
Cotrijuí havia previsto, como estimativa, uma produtividade média de 1.100 quilos por hectare nesta safra. Com uma quebra de 60 por cento, o rendimento cairia para pouco mais de 400 quilos.

Os pedidos de Proagro encaminhados à agência do Banco do Brasil em Ijuí dão bem uma idéia da situação criada pela geada. Segundo o gerente do banco, Amário Mombach, estes pedidos representam ao redor de 73 por cento da área financiada nos municípios de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana, conforme dados apurados até o dia 10 de setembro. Foram apresentados 413 pedidos de Proagro, que somam uma área plantada de 12.354 hectares, para um total financiado de 16.962 hectares.

É claro que, como sempre acontece, nem todos estes pedidos serão atendidos, em função de uma série de aspectos considerados pela perícia na hora de fazer os laudos. Além disso, é possível que, depois das chuvas que se iniciaram no dia 13 de setembro, muitos produtores cheguem à conclusão de que o trigo não foi tão prejudicado como parecia logo após a geada. Outros produtores, que plantaram o trigo por conta (veja Cotrijornal de julho) já estão lavrando a terra para semear a soja. Estes não têm direito a Proagro, mas se consolam com o fato de que não precisam, pelo menos, prestar contas aos bancos.



Gentil: desta vez não vai sobrar nada



Ervino: geada até fez bem pra lavoura

Azar de muitos, sorte de alguns

Gentil Eduardo Callai, proprietário de 30 hectares em Ponte Branca, Augusto Pestana: "Acho que desta vez não irá se salvar nada do trigo. Plantei 15 hectares financiados, somente com a variedade Maringá. O plantio foi feito no dia 6 de junho, e quando da geada a metade estava em floração, e a outra metade estava cachando. Já comuniquei ao banco, mas eles disseram para esperar a primeira chuva e depois fazer uma avaliação dos prejuízos. Mesmo assim, não vou desistir de plantar trigo. Ele segura a terra, evita a erosão, e a adubação usada é útil depois para a soja, além do fato de que se aproveita a palha".

Ervino Kuchak, agricultor da Linha 5 Leste, em Ijuí, onde possui 100 hectares: "Este ano plantei sete hectares de trigo por conta, e a lavoura não sofreu com a geada. A lavoura foi semeada no início de junho, com as variedades BR-4 e um pouco de Maringá. Pretendia plantar mais tarde ainda, porque o trigo do tarde foi o que sempre deu o melhor rendimento. A geada não prejudicou, porque recém agora o trigo está cachando (dia 13 de setembro). Plantei por conta, porque decidi me ver livre do banco, e vou guardar o que colher para semente. Foi a primeira lavoura de trigo sem financiamento. A de 83, financiada, foi frustrada e eu não recebi Proagro".

MERCADO DA SOJA

Informações desencontradas

O comportamento do mercado da soja a nível externo esteve bastante calmo nas últimas semanas, sem maiores oscilações em função das informações a respeito do clima dos Estados Unidos. Os negócios realizados a nível internacional foram de pouca expressão, como mostra análise feita pelo coordenador da área de comercialização da Cotrijuí na Região Pioneira, o Ênio Weber, no dia 14 de setembro.

As opiniões andam bastante desencontradas quando se fala em termos de clima nos Estados Unidos. Algumas informações dizem até que já existe quebra na safra americana. Outras informações entendem que em algumas regiões onde deu problemas de estiagem, as lavouras foram recuperadas pela chegada das chuvas. Mas ao certo é que já se registra uma pequena quebra em algumas regiões, onde a temperatura está bastante alta, por volta de 40 graus. Os entendidos dizem que essa quebra poderá ser equilibrada pelas lavouras que estão apresentando um bom

desenvolvimento e que prometem um rendimento acima do esperado.

Com relação ao aspecto financeiro, foram registradas algumas variações do dólar frente as principais moedas européias, dificultando as compras por parte dos consumidores. Os importadores europeus, principalmente os franceses, dizem que estão só aguardando a entrada da nova safra - que segundo eles deverá ser recorde - para encontrarem um mercado em baixa.

No dia 12 de setembro o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos divulgou a sua estimativa de safra americana, que deverá ficar em torno de 55,2 milhões de toneladas. Essa estimativa de produção não foi vista com bons olhos, pois esperava-se que a safra ficasse em torno de 54 milhões de toneladas. Tanto essa estimativa foi negativa, que já no dia seguinte, 13 de setembro, registrou-se uma baixa de 30 pontos. Acredita-se que a partir desta estimativa o mercado tome um novo direcionamento.

TROCA-SE ERVAS DANINHAS POR SOJA.



FAZEMOS QUALQUER NEGÓCIO:
NO PLANTIO CONVENCIONAL
PRÉ-PLANTIO INCORPORADO
E PRÉ-EMERGÊNCIA
NO PLANTIO DIRETO
MANEJO E APLICAÇÃO PRINCIPAL

TRATAR COM
LEXONE
NA SUA COOPERATIVA
OU REVENDEDOR MAIS PROXIMO.



SIGA CORRETAMENTE AS INSTRUÇÕES DO RÓTULO.

A importância de ficar informado

No curso os novos associados tomam conhecimento dos seus direitos e obrigações e ainda ficam por dentro da estrutura funcional da Cooperativa

O Departamento de Comunicação e Educação, considerando as discussões levantadas em 1983, em reuniões com os representantes eleitos, definiu como meta de trabalho para este ano, a retomada dos cursos para os novos associados, a exemplo do que aconteceu em algumas unidades nos anos 70.

O curso é o primeiro passo para que o novo associado conheça mais de perto a instituição da qual vai fazer parte. Como associado ele precisa saber que assim como tem direitos, tem também obrigações que precisam ser levadas em conta. Além disso, também vai ficar a par de todos os tipos de serviços prestados pela Cooperativa e da forma de organização do seu quadro social. O curso ainda vai lhe mostrar que a partir do momento que passa a integrar o corpo social da Cooperativa, terá de ajudar a pagar os custos dessa cooperação, até mesmo como forma de garantir a sua sobrevivência como produtor.

Até o final de agosto foram realizados seis cursos envolvendo os novos associados que ingressaram na Cooperativa neste ano. A Unidade de Augusto Pestana, considerando o número de novos associados, realizou dois cursos, sendo um em 13 de janeiro e o outro em 15 de março. Coronel Bicaco reuniu seus novos associados para discutir sobre a estrutura organizacional e funcionamento da Cotrijuí em 15 de agosto; Santo Augusto realizou um curso em 13 de março e o outro em seis de abril e a Unidade de Tenente Portela em 14 de junho. As unidades de Jóia e Ijuí, têm programado a realização dos seus cursos para o mês de setembro.

Antes do encerramento dos cursos, os novos associados receberam as suas carteirinhas. Nas avaliações os participantes ressaltaram a importância dos cursos, pelo fato de trazerem informações sobre o funcionamento da Cooperativa e do papel do próprio associado dentro do contexto geral. Sugeriram a continuidade dos cursos para todos os novos associados, assim como a manutenção de um trabalho constante junto ao quadro social como forma de conservá-lo sempre muito bem informado.

MOVIMENTAÇÃO DOS ASSOCIADOS

Só na Região Pioneira, até o final do mês de agosto, ingressaram 347 novos produtores na

Cooperativa. Em contrapartida, 239 produtores, nesta mesma época, deixaram de fazer parte do quadro social da Cotrijuí. No quadro abaixo, a movimentação dos associados por unidade.

Unidade	Novos associados	Pedidos de demissão
Augusto Pestana	33	16
Jóia	20	11
Ijuí	108	43
Ajuricaba	31	24
Chiapetta	15	3
Santo Augusto	34	24
Coronel Bicaco	25	21
Tenente Portela	81	97



Em Coronel Bicaco 17 novos associados participaram do curso

É preciso considerar que de um modo geral, as demissões ocorrem por falecimento ou por transferência de residência do produtor para um outro estado. Também tem se registrado demissões do quadro social de produtores que abandonam a atividade, transferindo-se para a cidade em busca de outros meios de sobrevivência.

Os novos associados, em

sua grande maioria, são filhos de produtores já associados. Este fato vem comprovar a divisão de áreas que vem ocorrendo na região. Não existe um aumento da área a ser explorada e nem de entrega de produção, pois ela já vinha sendo comercializada na cooperativa.

Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí

Dê às suas sementes de soja o tratamento que elas merecem.



Tradição de qualidade Stauffer no tratamento de sementes.

- Captan Moly e Captan 75 são os mais eficientes fungicidas no tratamento de sementes de soja. Isto porque eles são fungicidas de amplo espectro de ação, protetores e altamente seguros para as sementes.
- Captan Moly e Captan 75 são melhores porque foram testados e comprovados em muitas safras.
- Captan Moly e Captan 75 asseguram a germinação e a emergência sadia da sua cultura.
- Captan Moly apresenta em sua formulação o Molibdênio, um micronutriente muito importante para a fixação do Nitrogênio pelas bactérias.
- Para a proteção de suas sementes e contra as doenças, trate suas sementes com Captan Moly e Captan 75, os fungicidas da soja.



Um nome com raízes na terra.

Stauffer Produtos Químicos Ltda.

São Paulo: Av. Brig. Faria Lima, 2000 - 13º andar - CEP 01452 - Tel.: (011) 210-8633
Porto Alegre: Praça Dom Feliciano, 39 - Conj. 902 - CEP 90000 - Tel.: (0512) 21-7488
Londrina: Av. Paraná, 453 - Conj. 401 - CEP 86100 - Tel.: (0432) 23-1234

É fácil conseguir índices máximos de germinação em laboratório com uma boa semente. Difícil é manter esses índices na terra.

Trate suas sementes de soja com Rhodiauram. E garanta índices germinativos sempre superiores.

Se lhe disserem que uma determinada semente de soja está com índice germinativo de 80% ou mais, acredite. Mas, acredite também que esse índice foi obtido em laboratório. Em condições de umidade, luz e temperatura ideais.

Você sabe que na prática a coisa é muito diferente. Na terra, as sementes nunca irão apresentar vigor germinativo tão bom assim. Isso porque elas encontrarão, no solo, sérios problemas, como falta de umidade, plantio profundo, solo frio, patógenos residentes na terra, patógenos transportados pelas sementes e/ou excesso de umidade em solo frio.

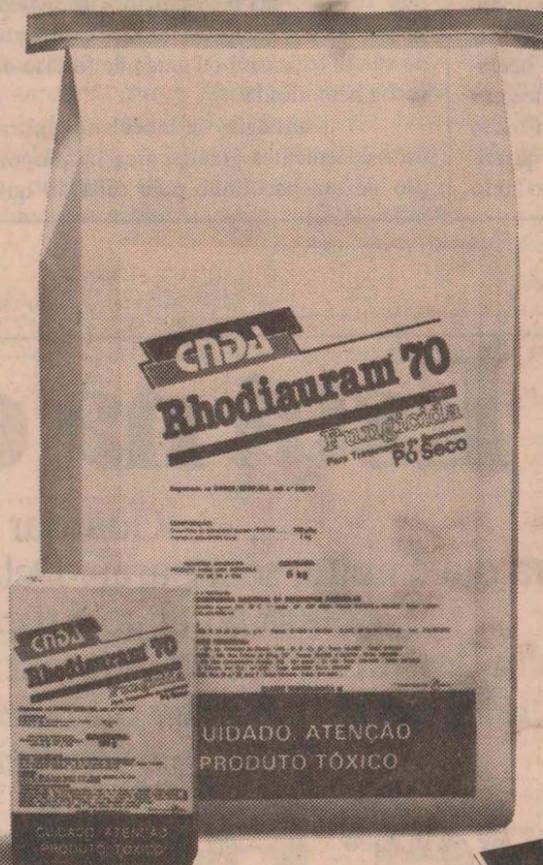
Resultado: as sementes demorarão mais para germinar, estarão mais tempo à mercê das doenças e o stand será drasticamente reduzido.

Diante disso, você só tem duas alternativas para conseguir uma germinação superior. Ou você semeia



mais sementes por hectare. Ou usa Rhodiauram. Rhodiauram é o mais poderoso e econômico fungicida para sementes. Rhodiauram acaba com os fungos patogênicos transportados pelas sementes e os residentes no solo. E que afetam a germinação.

Use Rhodiauram, com ele você vê seu lucro nascer e crescer.



CND A
CND A - Cia. Nacional de Defensivos Agrícolas.
Tecnologia em defensivos

São Paulo - SP: Av. Maria Coelho de Aguiar, 215 - Bloco B - 5º andar - CEP 05804 - Telefones: (011) 545-4305 e 545-4310

Telex (011) 24441 - Porto Alegre - RS: Rua Florêncio Ygartua, 200 - Conj. 4 - CEP 90000 - Telefones: (0512) 22-8759 e 22-0215

Telex (051) 1747 - Londrina - PR: Av. Paraná, 343 - 8º andar - Sala 801 - Edifício Satélite - CEP 86100 - Telefone: (0432) 23-3443 - Telex (043) 2583

Os benefícios da inoculação

A inoculação de sementes de leguminosas — soja, alfafa e outras culturas — é uma prática que tem trazido excelentes resultados para as culturas, “mas nem por isso tem sido devidamente utilizada por boa parte dos produtores que infelizmente ainda não acreditam na sua eficiência e preferem jogar fora o produto do que aplicar”, lamenta o Francisco Tenório Falcão Pereira, agrônomo responsável pela produção de sementes da Cotrijuí, na Região Pioneira.

O inoculante só traz benefícios ao solo e às culturas, segundo o Francisco, se realmente for aplicado de forma correta, de acordo com as recomendações técnicas. Nestes casos, já está mais do que comprovado que o inoculante tem a capacidade de atuar em solos corrigidos, inclusive com vantagens econômicas, na medida em que auxilia a planta a fixar nitrogênio ao solo a um custo bastante insignificante. Também não é mais nenhuma novidade que as quantidades de nitrogênio fixados, como no caso da inoculação, são maiores do que as proporcionadas pelas adubações químicas.

Mas as vantagens não ficam apenas no aspecto econômico, como lembra o agrônomo. A inoculação permite ainda um aumento na produtividade da cultura, a produção de alimentos de boa qualidade e ricos em proteínas e o aproveitamento do nitrogênio por outras culturas que poderão ser plantadas nesta mesma área. Esse aproveitamento por culturas posteriores, acontece porque o fornecimento de nitrogênio às plantas, através das nodulações que se formam nas raízes é permanente. “Esse nitrogênio vai sendo liberado aos poucos, de acordo com as necessidades das plantas, ocorrendo o contrário que acontece com a adubação química, quando o nitrogênio é liberado todo

de uma só vez, não podendo ser aproveitado por outras culturas”, explica.

UM PROCESSO SIMPLES

A inoculação não tem segredo nenhum, pode apenas retardar em alguns minutos o plantio da semente. É um processo simples e bastante fácil de ser seguido, bastando apenas que o produtor leve em conta a orientação técnica para que o processo resulte realmente em benefícios para a planta. O Francisco diz como o produtor deve fazer para inocular a sua semente:

— As sementes antes de serem inoculadas, devem ser umedecidas uniformemente em água pura ou então num preparado de água açucarada e leite desnatado e mais uma solução de goma arábica a 20 por cento. Esse preparado serve para fixar melhor o inoculante nas sementes. As sementes umedecidas devem ser misturadas ao inoculante — um pozinho escuro que serve de veículo condutor das bactérias responsáveis pela nodulação nas sementes — de maneira que todas fiquem cobertas pela turfa.

Todo esse trabalho de inoculação deve ser feito à sombra, sobre um piso de cimento ou uma lona. Feito a mistura, deixar secar, sempre à sombra, para logo em seguida fazer o plantio. Esse tipo de inoculação serve apenas para as sementes mais graúdas, como a da soja e do tremoço. As sementes miúdas, como a da alfafa e dos trevos, devem ser peletizadas — um processo mais complicado e que consiste no revestimento da semente por uma capa protetora de carbonato de cálcio (calcário) ou ainda de fosfato de rocha bem moída.

A quantidade de inoculante aplicada nas sementes graúdas fica na proporção de um pacotinho para cada 50 qui-



O inoculante deve ser preparado à sombra

los de sementes. A quantidade de água ou solução adesiva indicada pelo Francisco para as sementes graúdas é de 250 centímetros cúbicos para cada saco de semente. “É a mesma quantidade de líquido que cabe dentro de uma garrafa de refrigerante médio”, explica.

BAIXO CUSTO

Explicando melhor as vantagens do inoculante, o Francisco diz que se a semente estiver inoculada, a soja é capaz de incorporar até 130 quilos de nitrogênio por hectare. Isso corresponderia, caso não tivesse sido utilizado o inoculante, a uma aplicação de 300 quilos de uréia por hectare. Como o quilo da uréia anda por volta de Cr\$ 570 (preço até dia 10 de setembro), um produtor gastaria apenas num hectare de lavoura, cerca de Cr\$. . . 171.000. Se usar apenas o inoculante, que anda custando por volta de Cr\$ 800 o pacotinho, ele não gastaria mais do que Cr\$ 1.500 nesta mesma área. “As vantagens da inoculação são muitas, diz o Francisco, e o produtor que não acredita nos seus benefícios, é porque ainda não aplicou inoculante ou então, aplicou de forma errada”.

As recomendações técnicas

A inoculação nas sementes só resultará realmente em benefício para as plantas se o produtor levar em conta algumas recomendações que dizem respeito ao transporte, conservação e manuseio do inoculante. Qualquer descuido na conservação, por exemplo, pode invalidar todo o tempo e o trabalho gasto com a inoculação das sementes.

● Muito cuidado durante o transporte do inoculante, que deve ficar acondicionado em caixas de material isolante, longe da irradiação solar. Evitar também que as sementes inoculadas sejam expostas aos raios solares, pois os efeitos dos raios ultravioletas matam as bactérias, prejudicando os benefícios da inoculação.

● O calor também prejudica o inoculante, reduzindo o seu efeito. O ideal é conservá-lo entre 4°C a 15°C. Na propriedade o inoculante pode ser guardado na geladeira, desde que a temperatura nunca fique abaixo de zero. Também pode muito bem ficar guardado dentro de uma caixa isolante, num lugar sombrio e fresco, como por exemplo, dentro de um mata.

● Ao plantar a semente, tomar o cuidado para não fazê-lo em solos muito secos e com sol forte. A recomendação técnica aconselha esperar uma chuva para só então plantar a semente.

● A inoculação não responde muito bem em solos ácidos e de baixa fertilidade.

● Evitar o contato direto das sementes inoculadas com os fertilizantes, pois estes poderão queimar as bactérias e até a própria semente. De preferência, usar semeadeiras que coloquem as sementes em separado do adubo no solo.

● Jamais usar inoculante vencido. Geralmente o período de validade é de seis meses a partir da data de fabricação.

● Utilizar sempre o inoculante específico para a espécie de leguminosa a ser plantada. Nunca usar o inoculante recomendado para a soja, por exemplo, na semente de alfafa.

● Em novas áreas de lavoura, a recomendação manda dobrar a quantidade de inoculante para garantir uma perfeita nodulação. O inoculante também deve ser dobrado em áreas muito ricas em Nitrogênio, pois este tende a inibir a nodulação a ser formada nas raízes das plantas.

● As sementes inoculadas pelo processo simples devem ser semeadas no mesmo dia. Caso contrário, deverão novamente ser inoculadas por ocasião do plantio. As sementes peletizadas (alfafa, trevos) devem esperar de 12 a 24 horas para serem plantadas. Recomenda-se, no entanto, nunca esperar mais do que dois a três dias para fazer o plantio, que o inoculante perde o efeito.

Está na época de:

Guardar e conservar.

A terra trabalha dia e noite, sem parar. Dela você tira em dobro, todo o trabalho que põe.

Tudo igual ao Freezer Horizontal Consul.

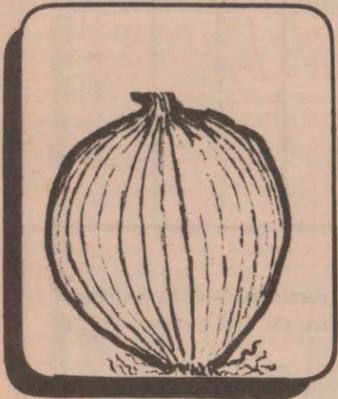
Ele trabalha sem descanso, dia e noite, para guardar e conservar os frutos que a terra dá, o ano todo. Bela dupla, a terra e o Freezer Horizontal Consul. Aliás, belo trio, você, a terra e o Freezer Horizontal Consul.

Freezer Horizontal Consul.

Consul 
Qualidade & Tranquilidade

LAVOURA DO MÊS

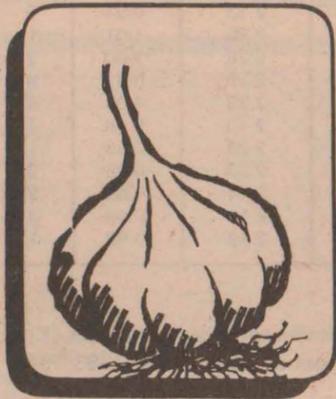
A época é adequada para a semeadura de pepino, feijão, vagem, tomate e pimentão, que se desenvolvem muito bem na primavera.



CEBOLA

O período de agosto e início de setembro caracterizou-se, além de alguns dias muito frios, também por menos chuvas. Esta condição favoreceu a limpeza das lavouras através das capinas manuais, dispensando o uso de produtos químicos.

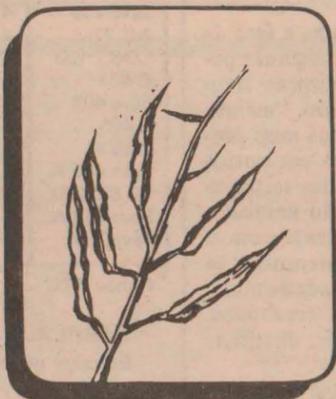
A ocorrência de pragas e doenças também tem sido mínima, estando as lavouras com bom padrão de desenvolvimento. A continuidade do clima favorável a cultura da cebola terá como consequência uma safra boa em volume e qualidade do produto.



ALHO

As lavouras de alho precoce estão em fase de bulbificação, mesmo porque, a partir de outubro já inicia o período de colheita. O alho Portela vem apresentando desenvolvimento muito satisfatório e, a partir deste período começará a entrar em sua fase mais decisiva para a produção.

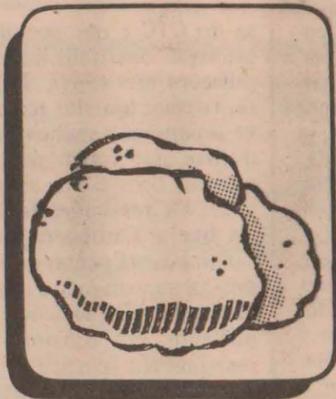
As doenças e pragas não têm se manifestado nas lavouras até esta data. De qualquer forma, é importante ficar atento para se evitar prejuízos e tomar as precauções necessárias em tempo, de acordo com a orientação técnica.



ERVILHA

As ervilhas estão se desenvolvendo bem, estando em plena fase de granação, acreditando-se que a produtividade atinja os níveis esperados.

O oídio da ervilha, que é uma doença bastante prejudicial à cultura, não se manifestou até este período, acreditando-se que para esta safra as plantas já estejam a salvo desta e também das outras doenças.



BATATA

As babatas-sementes de boa qualidade, que estiveram disponíveis na Cooperativa durante o mês de agosto, já estão com estoque esgotado. A procura por estas sementes foi muito significativa, evidenciando o interesse dos produtores em melhorar o potencial produtivo desta espécie.

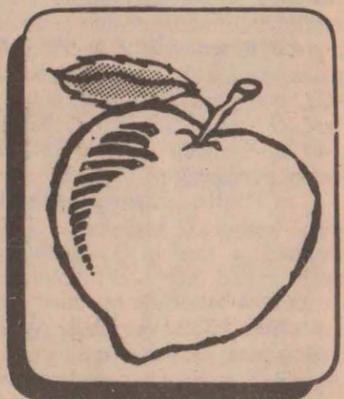
As reuniões técnicas com associados, realizadas durante o mês de agosto, abordaram de certa maneira os aspectos gerais ligados à cultura da batata, demonstrando o interesse em melhorar de fato a produção de batata. Não só em volume de produção, mas também em qualidade, que constitui uma característica essencial para armazenamento, conservação do produto e sua utilização por longo período, participando mais significativamente da dieta alimentar.

LENTILHA

As lavouras de lentilha

estão se desenvolvendo bem, não havendo até o momento fatores influenciando no comprometimento da produtividade. Algumas plantas têm apresentado sintomas de doenças nas folhas, mas em função da diminuição da umidade do ar, elas não se espalharam nas lavouras.

Os ensaios com lentilha no CTC também estão com bom desenvolvimento, sendo que as cultivares precoces já estão em plena floração, tendo sido inclusive atingidas pela geada neste estágio, e cuja dimensão dos danos ainda não podem ser avaliados.



FRUTÍFERAS

As recentes geadas, que entre outros danos também prejudicaram seriamente os pessegueiros precoces, mostraram mais uma vez a necessidade da existência do cultivo de muitas espécies de árvores no pomar, bem como mais variedades da mesma espécie para se evitar o comprometimento total da produção.

RECOMENDAÇÕES

A Cooperativa dispõe de semente de pipoca de excelente qualidade. A época é oportuna para o plantio desta espécie.

— o — o — o — o —

A abóbora é uma planta companheira de muitas espécies agrícolas, como milho, servindo como proteção adicional na cobertura do solo para diminuir a erosão. A Cooperativa dispõe de semente de abóbora comum, a qual pode ser usada na alimentação animal e humana.

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIETADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Boi e Matzukase				12 m2 Matzukase Chumbinho				12 m2 Matzukase Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagriner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagriner e Maravilha verão		12 m2 Kagriner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tal Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 plantas Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rabanete, Rúcula, Alface, Couve, Repolho



**COTRIEXPORT -
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.**

INVESTIMENTO EM SEGURO,
SEJA INCÊNDIO, VEÍCULOS,
ROUBO, VIDA, ACIDENTES
PESSOAIS E OUTROS
REPRESENTA
TRANQUILIDADE CONTRA
AS INCERTEZAS DO
DIA-A-DIA.

A COTRIJUIÁ TRAVÉS DE
SUA CORRETORA DE
SEGUROS, PRESTA TODAS
AS INFORMAÇÕES E
ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras
1513 - fone: 332-1914 ou
332-3765 ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio
de Castilhos, 342 - 5º andar
fone: 332-21-08-09

Milho

Bons resultados

O CTC busca melhores variedades para a região, avaliando o potencial de produção de milhos híbridos, crioulos e mexicanos.

Quem for ao Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana, a partir de 15 de setembro até o início de março, poderá visitar, entre outros experimentos, os trabalhos com milho que a Cooperativa vem realizando desde 1981, envolvendo variedades híbridas, populações crioulas e mexicanas. Os trabalhos, segundo informações do Valter Colombo, que conduz a pesquisa de culturas de verão do CTC, têm a função de testar cultivares obtidas pelos programas de melhoramentos de milho das instituições que têm a incumbência de criar novas variedades. "Nos ensaios temos procurado avaliar o comportamento de cada cultivar, comparando desde o rendimento, inflorescência, altura da planta, tamanho da espiga, acamamento, entre outros", diz.

Os trabalhos tiveram prosseguimento no ano passado, quando foram testados dois ensaios com milhos híbridos. Apenas um destes ensaios envolveu 30 variedades de milhos híbridos precoces. O rendimento médio obtido neste ensaio foi de 4.319 quilos por hectare. A menor produção foi alcançada pelo híbrido Save 427, que produziu 2.899 quilos por hectare. O híbrido mais produtivo foi o DK-540, que rendeu no final do ciclo 5.266 quilos por hectare.

O outro ensaio envolvendo híbridos, testou 20 variedades consideradas normais ou tardias. O rendimento médio deste ensaio fechou em 4.599 quilos por hectare. A variedade que menos produziu foi a Save I 332 (Ver tabela A), rendendo pouco mais de 4.200 quilos por hectare. A AG 28 A, foi a variedade de maior destaque, produzindo 5.713 quilos por hectare. A AG 28 ficou em segundo lugar com 5.378 quilos por hectare.

Estes dois ensaios com milhos híbridos fazem parte da rede de experimentação estadual do milho, do qual a Cotrijuí é uma das integrantes. Esta rede estadual de pesquisa vem sendo coordenada pela Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul.

OS MILHOS MEXICANOS

Os milhos branco e amarelo também vêm sendo avaliados no Centro de Treinamento. Só no ano passado foram testados dois ensaios de milhos mexicanos, integrantes da rede internacional de experimentação. Estas variedades são provenientes do Centro Internacional de Pesquisa de Milho e Trigo.

Um dos experimentos formado por 9 variedades mexicanas amarelas teve como testemunhas duas populações da Empasc - Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina - a Condá 151 e a Oeste 152 e mais o híbrido Save 342. A variedade testemunha híbrida apresentou o maior rendimento, fechando em 6.591 quilos por hectare. As variedades da Empasc, a Condá 151 obteve 4.784 quilos por hectare e a Oeste 152, 5.290 quilos por hectare. A variedade mexicana mais produtiva foi a La Platina 7941, que rendeu no final do ciclo 4.022 quilos por hectare, seguida pela variedade Across 7941 RE, com 3.792 quilos por hectare.

O segundo ensaio envolvendo 14 variedades mexicanas brancas também teve como testemunhas a Condá 151 e a Oeste 152. O rendimento médio do ensaio foi de 4.868 quilos por hectare. A população mais produtiva foi a Santa Rosa, com 6.125 quilos por hectare. As testemunhas Condá 151 e Oeste 152, produziram respectivamente 4.075 e 4.932 quilos por hectare. Pode-se observar, segundo o Roberto Carbonera, coordenador de Pesqui-

sa do CTC e que acompanhou a fase de avaliação dos trabalhos, que algumas populações mexicanas, de polinização aberta, tiveram um alto rendimento, "inclusive superiores a milhos híbridos mais produtivos que foram utilizados em outros ensaios, bem como as próprias testemunhas. Os resultados foram tão animadores que o Carbonera juntamente com o Colombo está pensando em intensificar os ensaios aumentando a quantidade de milho plantado. "Dependendo dos resultados, podemos, nos próximos anos, distribuir sementes aos associados.

O RENDIMENTO DOS CRIoulos

No CTC também vem sendo feito um trabalho de avaliação dos milhos crioulos, coletados na região e que há mais de 70 anos vêm sendo cultivados pelos produtores. Estas populações de milhos tiveram como testemunhas as variedades híbridas AG 28, F 6875, C 501, Save 332 e Save 342. A média de produção dos híbridos foi mais alta que a dos milhos crioulos, ficando em 4.777 quilos por hectare contra 3.069 quilos por hectare.

Apesar do rendimento das populações crioulas ter sido inferior ao das variedades híbridas, é preciso destacar que algumas populações apresentaram excelentes resultados. Os próprios produtores da região que ainda mantêm o costume de cultivar milhos crioulos dizem que eles também têm as suas vantagens. Entre as vantagens costumam destacar a maior rusticidade da planta e menor sensibilidade ao ataque de pragas por ocasião do cruzamento.

Conforme a Tabela B, a testemunha AG 28 fechou seu ciclo com uma produção de 5.190 quilos por hectare, seguida de outra testemunha, a P 6875, com 4.776 quilos por hectare. A população crioula que mais se destacou foi a OC 107 com 4.439 quilos por hectare, proveniente da Fecotrigo. Em seguida aparece a OC 202, com 4.413 quilos por hectare e a CEP 302, também da Fecotrigo, com 4.203 quilos por hectare. A CTC Roxo, uma cultivar da região, apresentou um resultado considerado muito bom, chegando a alcançar 4.015 quilos por hectare. A população crioula de menor produção foi a Branco Cateto, com apenas 294 quilos por hectare.

SEMENTE À DISPOSIÇÃO

Os bons resultados obtidos com alguns híbridos estão permitindo que a Cotrijuí coloque sementes de 15 variedades de milho à disposição dos associados interessados no seu plantio. Estas variedades foram testadas em ensaios regionais espalhados em 15 locais do Estado e coordenados pela Secretaria da Agricultura.

A média de produção dos ensaios realizados na região - integram a rede de experimentação da região os municípios de Santo Augusto, Júlio de Castilhos, Cruz Alta, Santa Cruz do Sul e Augusto Pestana (CTC) - foi de 5.071 quilos por hectare, para as variedades consideradas precoces. Essa média ficou um pouco abaixo de produção alcançada pelo ensaio estadual. As variedades tardias fecharam o ciclo com uma média de produção em torno de 4.900 quilos por hectare, superior ao resultado obtido pelo ensaio estadual.

Os resultados dos ensaios são a garantia de que o produtor que utilizar as sementes de milhos híbridos já testadas no CTC, têm em mão um material com bom potencial de produção para a nossa região

TABELA A - Ensaio Estadual de Milho - Ciclo Normal - 83/84 - CTC

Cultivar	kg/ha	Alt. Planta	Alt. Espiga	Plan. Acamada	Plant. Quebr.	Plan. Estéreis
AG 28 A	5.713	2.36	1.05	-	3	-
AG 28	5.378	2.38	1.08	1	3	-
C 482	5.205	2.30	1.05	2	1	1
C 408	5.093	2.42	1.07	1	4	1
AG 38	5.074	2.28	1.03	4	3	1
XL 678	5.072	2.31	0.98	2	2	-
DK 580	5.064	2.42	1.13	1	3	1
AG 35	5.053	2.36	1.06	2	2	1
XL 670	4.899	2.34	1.11	1	4	1
Save 409	4.796	2.13	0.91	5	4	-
AG 37	4.659	2.36	1.01	1	3	1
CONT 133	4.655	2.28	1.00	2	4	1
C 484	4.651	2.25	0.93	5	4	-
Save 402	4.650	2.33	1.03	4	8	1
C 485	4.636	2.40	0.98	1	1	2
P 6836	4.595	2.23	0.83	1	1	-
Save 415 A	4.421	2.23	0.98	3	6	1
FE 821203	4.408	2.44	1.06	2	3	1
Save 414-A	4.297	2.19	0.90	4	6	1
Save 332	4.210	2.19	0.90	1	5	-

Fonte: CTC

TABELA B - Rendimento médio de grãos (Kg/ha) e características agrônomicas. Ensaios preliminares de populações. 1983/1984. Centro de Treinamento da Cotrijuí.

Tratamento	Rendimento	Altura		Plantas	
	Kg/ha	Planta	Espiga	Acamadas	Quebradas
		(cm)	(cm)		
AG 28	5.190	3,53	1,29	1	3
P 6875	4.776	2,32	1,06	6	4
C 501	4.738	2,24	0,96	1	2
Save 332	4.642	2,62	1,25	4	6
Save 342	4.540	2,69	1,14	11	4
OC 107 (Dente Braquítico)	4.439	2,34	1,05	-	-
OC 202 (Dente)	4.413	2,79	1,30	-	1
CEP 302	4.203	2,47	1,13	2	2
CTC Roxo	4.015	2,79	1,30	4	8
Amarelo Pururuca	3.983	2,60	1,27	3	2
Edregon (19)	3.966	2,69	1,24	3	5
Dente de Cão (27)	3.939	2,81	1,32	6	4
OC 2001	3.898	2,32	1,01	4	2
OC 105 (Flint)	3.887	2,56	1,16	1	2
Caiano Ouro (CTC)	3.654	2,77	1,32	3	5
Caiano Amarelo	3.642	2,75	1,30	7	5
Palha Roxa (Moinho do Corvo Encruzilhada)	3.611	2,77	1,30	6	12
Rajado (23)	3.509	2,82	1,22	6	3

Fonte: CTC

O mais novo trabalho

Milho plantado em área de alfafa - com oito anos de duração - é um outro trabalho que recém agora começa a ser avaliado. Os primeiros testes foram feitos no ano passado e tem a intenção de avaliar o efeito residual proporcionado pela alfafa, durante cinco anos, tanto na manutenção como no aumento da produtividade.

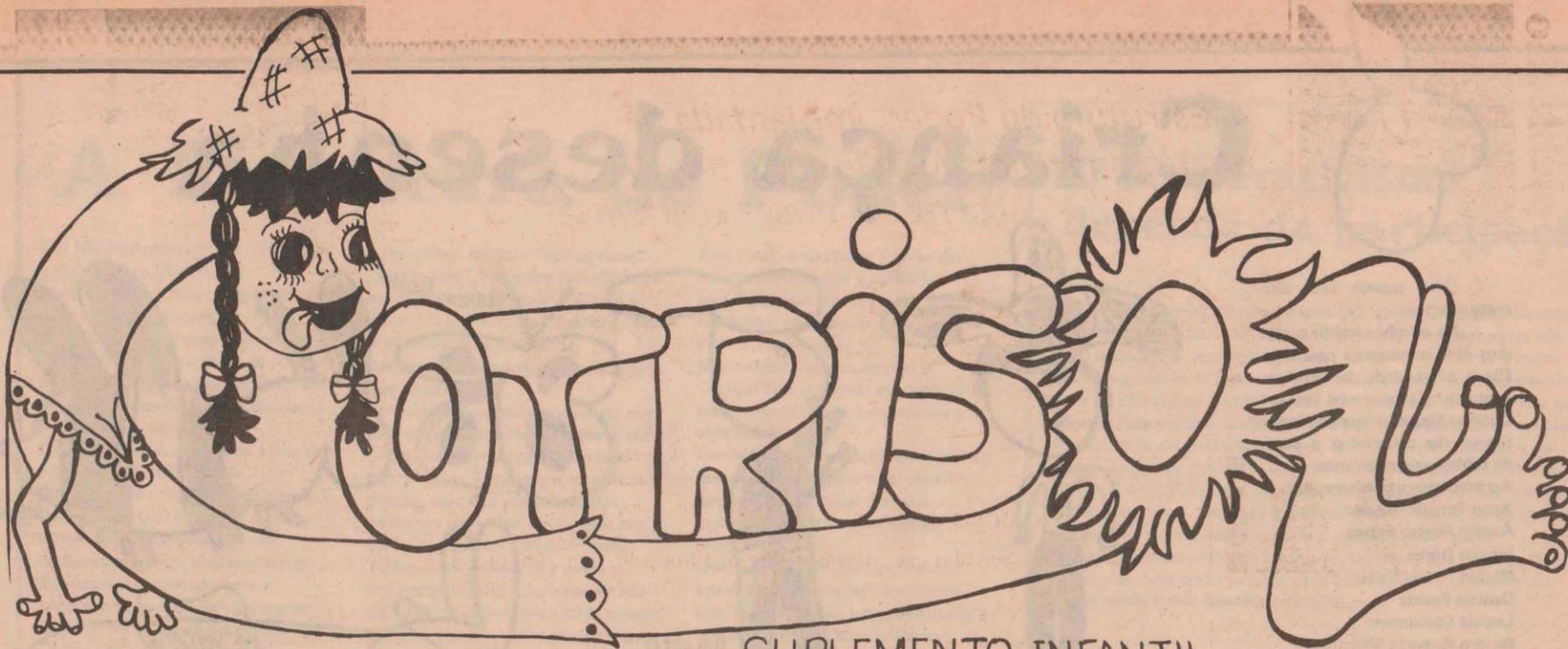
Para melhor avaliar o comportamento do milho sobre a área de alfafa, parte da lavoura recebeu adubação de nitrogênio, na base de 80 quilos por hectare e a outra parte ficou sem adubo. No final do ciclo, o rendimento médio do ensaio foi parelho, ficando em torno de 5.000 quilos por hectare. "Não houve nenhuma diferença na produtividade de uma área para a outra. Isto mostra o grande efeito residual deixado pela alfafa no solo", diz o Valter Colombo. Essa informação com relação ao milho plantado em área de alfafa já era esperada, pois já não é mais novidade que as leguminosas de um modo geral, como a alfafa, trevos e ervilhacas, têm condições de incorporar ni-

trogênio no solo que pode muito bem ser aproveitado por outras culturas subsequentes.

É claro que para o plantio do milho em cima da alfafa ou de trevos, o produtor já deverá ter a área disponível pronta. O produtor ainda pode consorciar com o milho outras culturas como abóbora, morangas, feijão, soja, para evitar perdas no solo. "Os resultados das pesquisas mostram que toda a lavoura consorciada produz mais, pois os ciclos são diferentes e uma cultura não interfere na produção da outra", justifica o técnico.

O MILHO SOBRE A ERVILHACA

Segundo o Colombo, a maneira de se fazer o plantio do milho sobre a ervilhaca, deve ser de acordo com as condições de cada produtor. Também pode ser através de plantio direto, ou apenas abrindo um sulco no solo com arado à tração animal, para então realizar o plantio do milho com saraquá. Ou ainda realizar a incorporação da leguminosa para só então, semear o milho.



SUPLEMENTO INFANTIL
ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Revolução Farroupilha

Texto: Jaeme Luiz Callai
Professor da FIDENE/UNIJIUÍ

No período de 1835 a 1845 ocorreu no Rio Grande do Sul a denominada Revolução Farroupilha. Ao comemorar-se o evento na Semana Farroupilha é interessante discutir o caráter desta revolução. Seu caráter se explica não pelos acontecimentos, datas, feitos, heróis, estudados em si mesmos. Pelo contrário, estes são a manifestação exterior de um conjunto de interesses profundos que lhe dão o sentido. Interessa pois, por as claras estes interesses que dão o real sentido da Revolução Farroupilha.

No início do século XIX o Estado estava organizado economicamente para a criação de gado, matéria-prima do charque, couro, sebo, que constituíam o principal produto de exportação do Rio Grande para as demais Províncias do Império. Os estancieiros — grandes proprietários e criadores de gado — constituíam o grupo dominante, seja do ponto de vista econômico, seja do ponto de vista político e mesmo militar. As raízes da revolta farroupilha residem exatamente no descontentamento dos estancieiros com a política econômica e tributária do Governo Central que lhes prejudicava seriamente. Com efeito os impostos sobre as exportações gaúchas eram fixadas pelo Governo Central. Os impostos eram tão elevados que tornava o charque Gaúcho mais caro que o charque Argentino ou Uruguaio e sendo assim as províncias preferiam o charque estrangeiro em prejuízo à produção gaúcha.



tornavam ao Rio Grande sendo utilizados no interesse do Governo Central em outras Províncias especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo.

Esta política econômica prejudicial aos gaúchos era mais uma manifestação da política do Império que se caracterizava por ser externamente centralizadora. O Presidente da Província era nomeado pelo Governo Imperial, o poder legislativo — a Comarca Provinciana era destituída de qualquer poder. Diante desta falta de autonomia política, é fácil entender que os interesses econômicos da Província fossem desatendidos pelo Governo Central. Uma terceira razão que é objeto de desentendimento entre os estancieiros gaúchos e o Império é a política extensiva desenvolvida na área do prata. A política expansivista do Brasil era assegurada militarmente com recursos, homens e armas, fornecidos pelos estancieiros gaúchos que sofriam nestas guerras duplo prejuízo. Perdiam homens e recursos nas lutas e tinham desorganizada sua produção de gado pelas tropelias da guerra e por falta de gente para executar os serviços necessários. Embora o Rio Grande fosse a "sentinela da pátria" o Império não indenizava os prejuízos advindos deste serviço prestado à Pátria. Em resumo, há um razoável conjunto de fatores que indis põe as elites gaúchas frente ao Governo Imperial. A distância da corte não é apenas física, é também política. O Rio Grande do Sul estava efetivamente à margem do poder. Servia fielmente ao Império, mas este não lhe servia.

A Revolução Farroupilha representa pois a tomada de consciência da elite econômica-política gaúcha de que, era mais possível aceitar obedientemente ao Império. Representa um basta! Se a única forma de fazer-se servir é lutar, vamos à luta!

No decorrer da luta ficou claro o significado da Revolução Farroupilha. Inicialmente os revoltosos contentaram-se em destituir o Presidente Provincial nomeado; num segundo momento a revolução se radicalizou e os farroupilhas proclamam a República do Piratini. Este ato representa um duplo rompimento: — a recusa do governo monárquico e a

NOSSA PRODUÇÃO DEVE SER APOIADA



escolha da República como forma de governo a exemplo dos demais países americanos; — a transformação da Província subordinada ao Governo Imperial em um país autônomo. Estes avanços políticos são decididos e efetivados em atenção aos interesses dos grandes proprietários. A estrutura econômica e social permanece inalterada. Os escravos continuarão escravos, os peões continuarão sem terra, dependentes do fazendeiro que é o efetivo dono das terras e riquezas e virtual dono da vida da peonada. A pacificação foi conseguida em 1845 por Caxias. Os farroupilhas não foram derrotados, sua liderança preferiu um acordo. Abandonavam suas idéias separatistas, voltavam a obedecer ao Governo Imperial e em compensação garantiam ao Rio Grande do Sul um tratamento especial de parte do Império. O poder político da Província ficava fortalecida por meio da escolha do

Presidente Provincial através do voto da elite estancieira e não mais por nomeação do Governo Central. Os chefes militares farroupilhas seriam incorporados ao exército nacional no mesmo posto. O Império concedia aos revoltosos ampla anistia. Em resumo o governo Imperial reconheceu as reivindicações farroupilhas e neste sentido a revolução foi vitoriosa. Esta rápida análise da Revolução Farroupilha permite afirmar o caráter de elite da mesma. Neste sentido a revolução foi um movimento socialmente conservador. Os chefes farroupilhas não pretendiam mudar a sociedade, defendiam unicamente seus interesses. A peonada e os escravos foram à guerra na defesa dos interesses dos donos da terra. Para si próprios restou o consolo do churrasco gordo e a glória das peleias. Hoje, a exemplo de 1835, o Rio Grande do Sul sofre com o centralismo político e econômico exercido por Brasília em prejuízo dos interesses gaúchos. A Revolução Farroupilha pode servir de exemplo. Os interesses dos gaúchos são diferentes entre si, não se pode mais confundir peões com estancieiros, ou no momento atual confundir, como se fosse a mesma coisa, a luta dos arroteiros; dos pequenos agricultores; dos arcampos das "esquinas natalinas", dos industriais ou dos operários urbanos. Somos todos gaúchos sim, mas sofremos de modo diferente os efeitos do sistema político e econômico vigente. É preciso clareza das diferenças para que se estabeleçam alianças quando possível e necessário, mas também para que cada segmento social estabeleça a luta específica na defesa de seus próprios interesses.



Se não bastava o fato dos impostos serem altos, as importâncias arrecadas não re-

PARA DEFENDER NOSSA ECONOMIA, QUEM DEVE MANDAR AQUI DEVE SER GENTE DAQUI...





Criança desenha

Olhe, quanta coisa diferente apareceu!

Na edição anterior sugerimos uma brincadeira para desafiar a criatividade das crianças, lembram? O resultado está aí. Quantas figuras diferentes foram tiradas das cabecinhas a partir do rabisco que sugerimos.

Agradecemos a colaboração.

Artur Pereira Mendes

Ângelo Márcio Ferraz

Marcos Dürks

Marlon Rafael Callai

Daniela Frantz

Letícia Christman

Sandro Roberto Medeiros

Cristiano Borges

Larissa Lutz

Fabíola Polita

Bárbara Costa Bardini

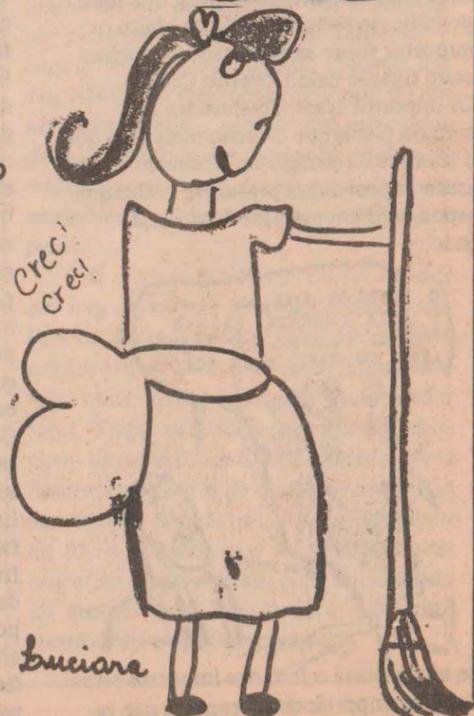
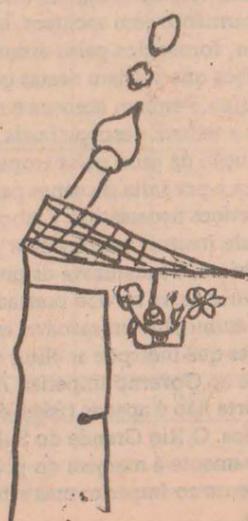
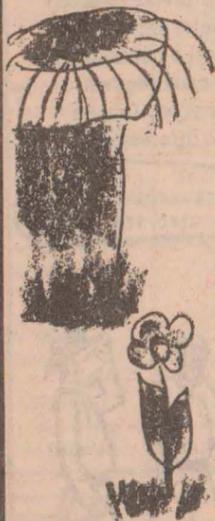
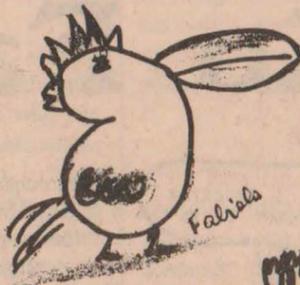
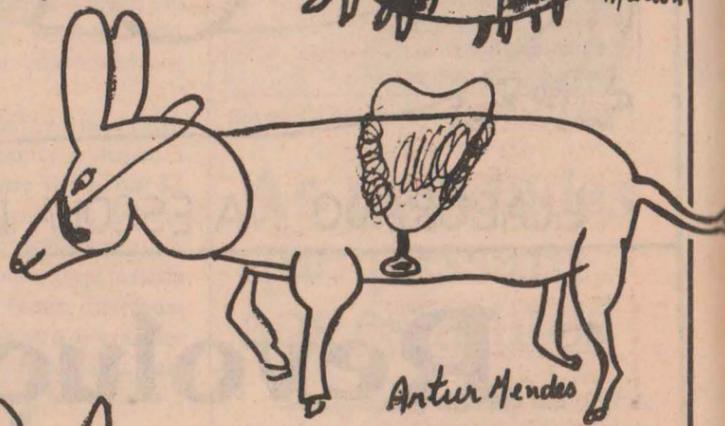
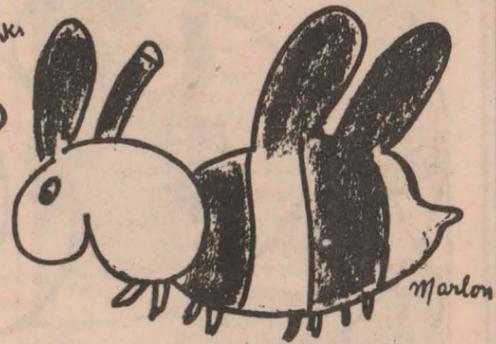
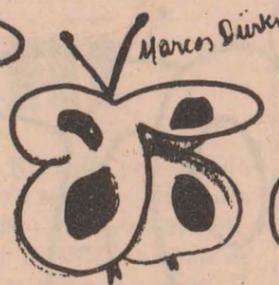
Marcello Lara

Carlos Schwinzkel

Luciara Eloisa Matte

Marina Cabeda Egger Moellwald

Márcia Raquel Claudy Weimer



A Estrutura do Poder

Em 1970 foi assinado um trato entre a FIDENE e a COTRIJUI, representando a formalização da cooperação já existente. Neste ano, agricultores associados já davam movimento a favor da construção de terminal marítimo em Rio Grande, sendo acompanhados pelo trabalho educativo. De 1972 a 1974, aconteceu a fase de extensão das atividades de Comunicação e Educação na área de ação da Cotrijuí. Passando-se assim a organizar o quadro social em núcleos de base em suas respectivas lideranças, coincidindo com a expansão geográfica da cooperativa. A antiga Cooperativa Pedritense de Carnes (1977) e a Coopemara em Maracaju (MS) foi incorporada à fase de expansão geográfica econômica. Na medida que aconteceram os avanços na técnica de produção, os indivíduos se libertaram de uma debilidade, sendo aos poucos conduzidos a aventura de viverem por conta. Neste momento nasce a desigualdade social. Nasceram mais privilegiados que outros no processo de produção e de distribuição de riquezas. Como forma de superar essa diferenciação, os menos privilegiados apelaram para a cooperação; hoje ela tem dois sentidos:

- serve de instrumento de defesa
- acaba tendo sentido de estratégia de competição.

Para um pequeno produtor, incapaz, é um instrumento de defesa e de integração no sistema maior, para não correr o risco de ser eliminado. Para o grande produtor, tem sentido de competir com outros grandes produtores. Até os dias de hoje, teve uma diretoria absoluta, pode-se dizer, ela resolvia e colocava em prática sem opinião do associado. Quantas vezes você ouviu dizer: "a cooperativa resolveu..." "a cooperativa decidiu..." e os associados vão ficando de lado, sabe-se lá quantas sugestões maravilhosas têm eles a apresentar. Mas não é dado o mínimo de valor a quem quer que queira ou seja. Não lhes é dada uma simples oportunidade de ouvi-los ou incentivá-los a falar, a dar uma opção para os problemas da comunidade, e

o agricultor, coitado "que se dane" "que se lixe". Ninguém está disposto às asneiras maravilhosas que tem a dizer. "O agricultor que cuide de sua vida, que nós cuidamos da cooperativa". Quantas vezes temos que engolir isso? Para acabar com isso de uma vez por todas, alguns membros da cooperativa resolveram mudar, que desse jeito não dá mais. Resolveram fazer uma eleição, para que nós associados possamos participar ativamente das decisões e será uma eleição direta. Todos os associados que tenham entregue sua produção no exercício de 1983, na última safra terão direito a voto e escolher um representante.

Para votar, é só chegar à mesa de votação, apresentar a carteira social e assinar na lista o seu nome e receberá a cédula rubricada para marcar sim ou não. Dependendo de sua decisão, a Cotrijuí fará reformas estatutárias podendo alterar profundamente a sua vida institucional. Garantirá a participação de todos nas grandes decisões que a cooperativa venha a tomar. Essas decisões o associado poderá tomar no seu próprio núcleo. Com sua decisão positiva, estará ajudando para que tenhamos uma vida melhor e mais justa, não como um cão que serve somente como segurança.

Elaine Rosane Fernandes de Lima - 8a. série - (2º lugar)

O cooperativismo depende da participação

O associado é a vida de uma cooperativa, pois é com a participação que se eleva o cooperativismo. Mas a maioria dos associados ainda não está consciente que participação e união fazem melhor e maior o cooperativismo. O Plebiscito é uma maneira do associado definir se deve ou não vigorar a estrutura do poder, ao qual acho que deve ser apoiado pela maioria dos associados, pois o representante é um braço forte ao lado do associado. Através do representante as idéias do associado são levadas até as autoridades e quem sabe até aprovadas, porque o cooperativismo depende da participação do associado, em todos os aspectos. Assim, se o associado for um participante em todos as decisões, ele naturalmente estará ajudando a si mesmo. Por isso, eu, como filha de associado, conclamo que todos os associados votem sim, pois assim teremos uma Cotrijuí maior, melhor e nos dando ainda maior segurança e apoio.

Senhorinha Siqueira da Silva - 5a. série - (1º lugar)



História do óleo de soja



1 - O agricultor está preparando a terra para plantar soja.



2 - Ele está plantando a semente de soja.



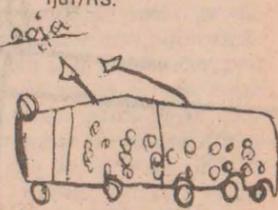
3 - Está crescendo e ele está molhando as plantas.



4 - A soja está crescendo cada vez mais.



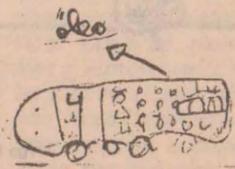
5 - A soja está sendo colhida.



6 - Agora eles estão transportando a soja para fazer óleo.



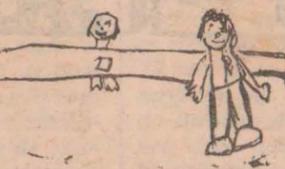
7 - Estão fazendo o óleo na fábrica da Cotrijuí.



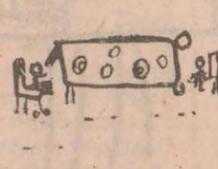
8 - O óleo é transportado para o mercado.



O óleo de soja está no mercado.



10 - Eu fui comprar óleo de soja.



11 - Toda nossa família está na mesa, se deliciando com a comida feita com óleo de soja, fabricado na Cotrijuí.

Marilaine Martins da Costa
3a. série - Escola de 1º
Grau Thomé de Souza -
Ijuí/RS.

Agradecemos a colaboração e parabenizamos a profa. Maria Altair Wociechoski pelo trabalho que está realizando e pela preocupação em trabalhar assuntos voltados a realidade dos seus alunos.

A participação do associado na Cotrijuí

Foi realizado na Unidade de Jóia, no período de 1º a 20 de agosto, um concurso de redações e desenhos sobre o tema: "A Participação do Associado na Cotrijuí," com o objetivo de motivar os alunos e provocar discussões sobre este importante assunto a nível escolar. Participaram do concurso grande número de crianças de seis Escolas Estaduais e dezoito Escolas Municipais.

Premiação

Aos participantes do Concurso a Cotrijuí fará a distribuição dos seguintes prêmios:

Viagem a Rio Grande - Cassino - 1º lugar (2º grau)

Viagem a Rio Grande e Ijuí - 1º lugar (5a. a 8a. série)

Viagem a Ijuí - 1º lugares (5a. a 8a. - para o melhor trabalho por série e escola).

Livro sobre 25 anos da Cotrijuí - para os demais alunos das 3a. e 4a. séries.

Viagem a Cotrijuí, CTC e CCGL - para os 10 primeiros classificados da 3a. série e os 15 primeiros classificados da 4a. série.

Uma camiseta - 1ºs lugares - 1a e 2a. séries.

O Cotrisol cumprimenta a todos os participantes desta atividade, alunos e professores e diz que as crianças provaram mais uma vez que sabem opinar sobre as questões dos adultos, e com muita sabedoria!...

Alunos da 1a. série do 1º grau, classificados no Concurso:

Juliano Valentini -	E. E. Antônio Mastela
Edivan M. da Silva -	E. M. Silva Jardim
Taciana -	E.M. Pe. Antônio Vieira
Laelson -	E.M. João Belém
Oneide Jesus Dias -	E.M. Calixto Nunes de Freitas
Eloi Ronei Franco -	E.M. Libino P. Viana
Adriana Mendes -	E.M. Pinheiro Machado
Sanderson Beschorner	E.M. João A. da Conceição
Júlio -	E.E. Pedro Brum
Tatiana Ávila Dias	
Cristina Vicentini	

Teixeira	E.M. Maciel Terra
Tiago Patias	E.E. Geovani Batista Patias
Djair C. D. Vechia -	E.M. José de Anchieta
Valmir M. Gonçalves -	E.M. Zeferino Carneiro
Juliana -	E.M. Cacique Sepé
Vera E. Della Flora -	E.E. Santa Ana Menegazzi
Gilvan Oliveira	E.E. Edmar Kruehl
Fabiano da Silva	E. M. Coronel Lima
Geovane M. Moura	E.M. Rincão dos Morais
Elaine P. Andreatta	E.M. José do Patrocínio

Alunos classificados da 2a. série do 1º grau

Jorge Dorneles	E.M. Antônio Mastela
Angela Cristina Lima	E. M. João Belém
Helio Machado Dipp	E. M. Calixto M. de Freitas
Elizandro Matje	E.M. Libindo Viana
Marcos Antônio	E.M. Pe. Antônio Vieira
Odinei	E.M. Silva Jardim
Jair Reis Viera	E.M. Pinheiro Machado
Clenir T. S. Luz	E.E. Pedro Brum
Ubirajara da S. Rodrigues	

Osni Reis da Silva	E.E. Francisco J. Machado
Marcos F. da Silva	E.E. Geovani B. Patias
Eloisa Andreatta Secco	E.M. José de Anchieta
Silvia L.G. Souza	E. M. Zeferino Carneiro
Claudia R. Menegazzi	E.E. Santa Ana Menegazzi
Gelsone Padilha Silva	E.E. Edmar Kruehl
Maria Elena Sarturi	E.M. Coronel Lima
Marcos L. T. Boeno	E.M. Rincão dos Morais
Genilson Andreatta	E.M. José do Patrocínio
Eliane Fátima da Silva	E.M. João A. da Conceição

Alunos classificados da 3a. série do 1º grau

Silvana Ceclin	E.M. Pe. Antonio Vieira
Lucimar B. Amaral	E.E. Pedro Brum
Itamar P. Brittes	E.M. Antonio da Conceição
Fernanda G. Câmara	E.E. Antonio Mastela
Angela Regina da Silva	E.M. Libindo Viana
Josefina Conceição	E.M. Rincão dos Machados
Claudia Venice Sarturi	E.M. Coronel Lima
Cilvane Andreatta	E.E. Santa Ana Menegazzi
Clovis Roberto Burtet	E.E. Cacique Sepé

Cecilia R. Possebom	E.M. Pinheiro Machado
---------------------	-----------------------

Alunos classificados da 4a. série do 1º grau

Valdir Reis Vieira	E.M. Pinheiro Machado
Patricia Brum Viana	E.M. Libindo Machado
Ana Salette Gonçalves	E.M. Silva Jardim
Nara T. da Silva	E.M. Inácio Montanha
João M. Jesus Silva	E.M. Calixto Nunes de Freitas
Roni E.A. dos Santos	E.E. Antonio Mastela
Roselaine O. Teixeira	E.M. Rincão dos Machados
Gelson Luis da Silva	E.M. João Antonio Conceição
Marlei F. Moraes	E.E. Geovani B. Patias
Altair Reis da Silva	E. Francisco José Machado
Marli Lucia Neuberger	E.M. Pinheiro Machado
Joceline A.S. Rosa	E.M. Zeferino Carneiro
Daniel Machado	E.M. Coronel Lima
Paulo Alberto Benter	E.M. Marciel Terra

Aluna classificada da 5a. série do 1º Grau

Senhorinha S. da Silva	E.E. Antonio Mastela
------------------------	----------------------

Aluno classificado da 6a. série do 1º Grau

Irineu R. de Lima	E.E. Edmar Kruehl
-------------------	-------------------

Aluna classificada da 7a. série do 1º Grau

Eloane Balsan	E.E. Antonio Mastela
---------------	----------------------

Aluna classificada da 8a. série do 1º Grau

Elaine R. F. de Lima	E.E. Edmar Kruehl
----------------------	-------------------

MELHOR TRABALHO DA 5a. à 8a. SÉRIES DE ACORDO COM A AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA E DIDÁTICA

Senhorinha Siqueira da Silva - 5a. série - 1º lugar - E.E. Antonio Mastela

Elaine Rosani F. de Lima - 8a. série 2º lugar - E.E. Edmar Kruehl.

MELHOR TRABALHO DO 2º GRAU

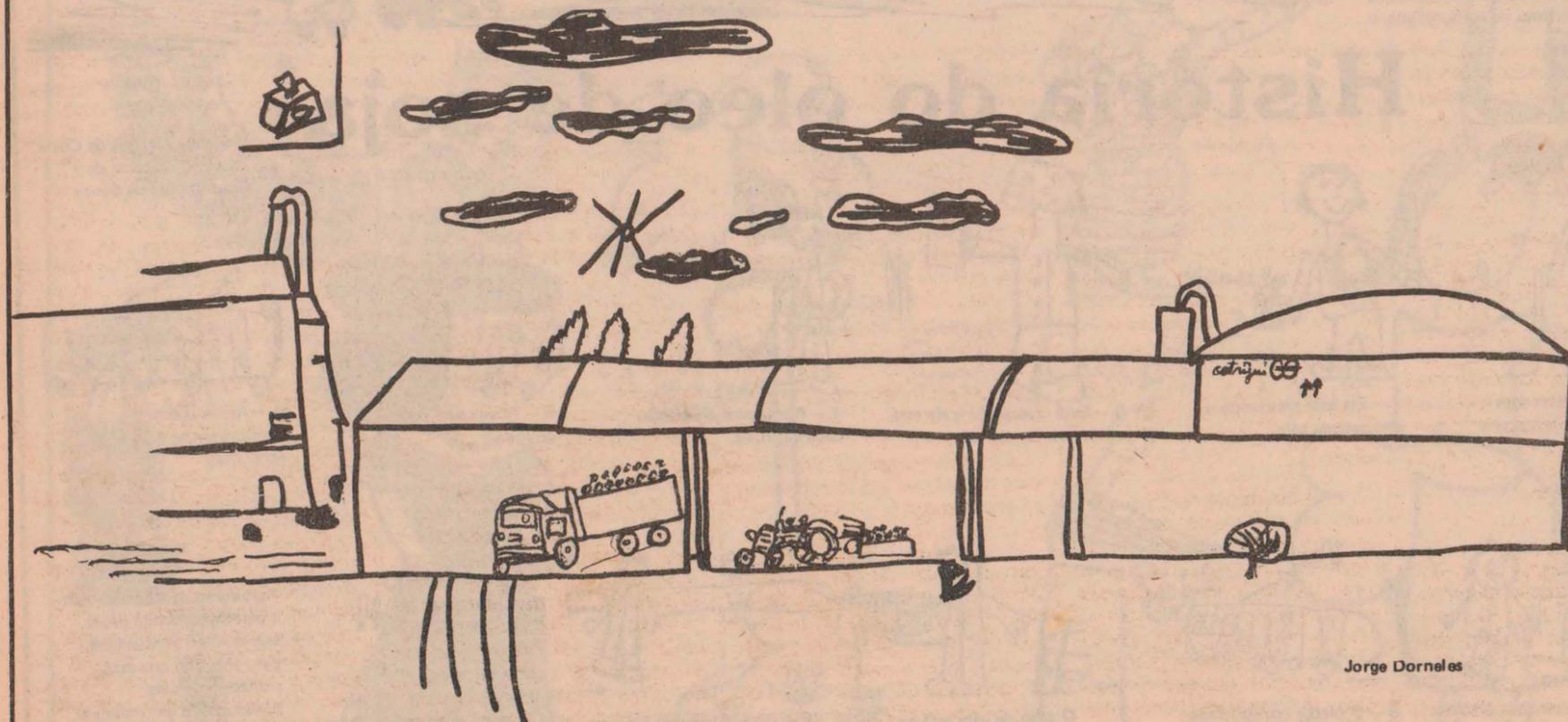
Solange Terezinha Santos - 1º ano - 2º Grau.

Desenho de Juliano Valentini

1a. série: E.E. Antonio Mastela - Jóia
1º lugar

Desenho de Jorge Dorneles

2a. série - E.E. Antonio Mastela - Jóia
1º lugar



Jorge Dorneles